



PROGRAMA DE VALORIZAÇÃO AO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL

Comunidade Quilombola
Santa Quitéria e Itacoãzinho
ACARÁ-PARÁ-BRASIL



Equipe técnica

Wagner Veiga

- Arqueólogo
- Coordenador Geral

Fernando Marques

- Doutor em Arqueologia

Felipe Carlos Damasceno e Silva

- Licenciado em Ciências Sociais e Mestrando em Antropologia (PPGA-UFPA)

Kamilla Sastre da Costa

- Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais
- Especialista em Projetos Sociais
- Mestra em Sociologia e Antropologia (PPGSA-UFPA)
- Doutoranda em Sociologia e Antropologia (PPGSA-UFPA)

Larisse de Fátima Farias da Rosa

- Museóloga
- Especialista em Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial
- Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Mariana Trindade Freire

- Museóloga
- Técnica em Arqueologia

Raimundo Rodrigues da Silva

- Técnico em Arqueologia

Renata Maria Valente Moraes

- Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais
- Mestra em Ciências Sociais: Concentração em Antropologia

Simone Carvalho

- Arqueóloga
- Coordenadora de campo

Sumário

- 5 Capa**
Levantamento Histórico:
Comunidades Remanescentes de Quilombos Santa Quitéria e Itacoãzinho.
- 7 Sobre o Projeto**
- 8 Mapa de Localização**
das Comunidades Santa Quitéria e Itacoãzinho Acará – Pará
- 10 As Comunidades de Remanescentes de Quilombos do Brasil:**
Resistência e Luta pelo Território
- 12 Breves Apontamentos sobre o Período Escravocrata no Baixo Acará - Pará**
- 16 As Comunidades de Remanescentes de Quilombos Santa Quitéria e Itacoãzinho**
a partir das narrativas dos moradores e alguns documentos históricos
- 18 A Luta pela Titulação do Território**
- 26 Saúde e Qualidade de Vida**
- 30 Educação e Engajamento Político**
- 34 Memórias de uma História**
- 36 O Imaginário Popular**
- 48 Saberes Práticos e Manifestações Populares**
- 49 A Farinha**
- 50 O Chocolate Artesanal**
- 51 O Rabuçado**
- 52 A Arte de Tecer**
- 53 As Festividades dos Santos**
- 56 A Medicina Popular**
- 59 Um pouco sobre arqueologia e patrimônio**
- 60 Educação Patrimonial**
- 66 Oficinas Realizadas**
- 69 Considerações Finais**
- 71 Referências Bibliográficas**
- 71 Sites Consultados**

Imagens

Acervo - Inside Consultoria Científica

Projeto gráfico

- Thiago Viana Cavalcante

- Glenda Consuelo Bittencourt Fernandes

Contribuição na Criação e edição de texto

- Glenda Consuelo Bittencourt Fernandes

ISBN

LEVANTAMENTO HISTÓRICO



COMUNIDADES REMANESCENTES
DE QUILOMBOS SANTA QUITÉRIA
E ITACOÃZINHO

Resumo

Nesta pesquisa, buscamos evidenciar o processo de ocupação do território onde se situam as comunidades de remanescentes de quilombos Santa Quitéria e Itacoãzinho – Acará – Pará e como os moradores percebem as suas vivências no local. Para isso, focamos nas narrativas dos sujeitos da pesquisa adquiridas por meio de entrevistas e complementamos com alguns dados cartográficos e acadêmicos acessados. Em suma, observamos que os dados obtidos através da pesquisa podem subsidiar a elaboração de políticas públicas para as populações da região em estudo.

Palavras-Chave: História; Luta; Terra.

Abstract

In this research, we seek to evidence the process of occupation of the territory where the communities of quilombos remnants Santa Quitéria and Itacoãzinho - Acará - Pará are located and how the residents perceive their experiences in the place. For this, we focus on the narratives of the research subjects acquired through interviews and complement with some cartographic and academic data accessed. In short, we observed that the data obtained through research can support the development of public policies for the populations of the studied region.

Keywords: History; Fight; Earth.

Resumen

En esta investigación, buscamos evidenciar el proceso de ocupación del territorio donde se encuentran las comunidades de quilombos remanentes Santa Quitéria e Itacoãzinho - Acará - Pará y cómo los residentes perciben sus experiencias en el lugar. Para ello, nos centramos en las narrativas de los sujetos de investigación adquiridos a través de entrevistas y complementamos con algunos datos cartográficos y académicos accedidos. En resumen, observamos que los datos obtenidos a través de la investigación pueden apoyar el desarrollo de políticas públicas para las poblaciones de la región estudiada.

Palabras llave: Historia; Lucha; Tierra.

Sobre o Projeto

Esse material é resultado da pesquisa realizada em 2019 pela Inside Consultoria Científica, no “**Programa de Valorização ao Patrimônio Histórico e Cultural da Comunidade Quilombola Santa Quitéria e Itacoãzinho – Acará – Pará**”, que integra os estudos para implantação do empreendimento “LT 500 kV Vila do Conde – Marituba LT 230 kV Marituba Castanhal SE Marituba”, da empresa Equatorial Transmissora 7SPE.

As comunidades remanescentes quilombolas de Santa Quitéria e Itacoãzinho estão localizadas no estado do Pará, no município do Acará, na região do Baixo Acará. Essas comunidades trazem em si uma herança deixada por populações escravizadas na região, com forte importância histórica e cultural.

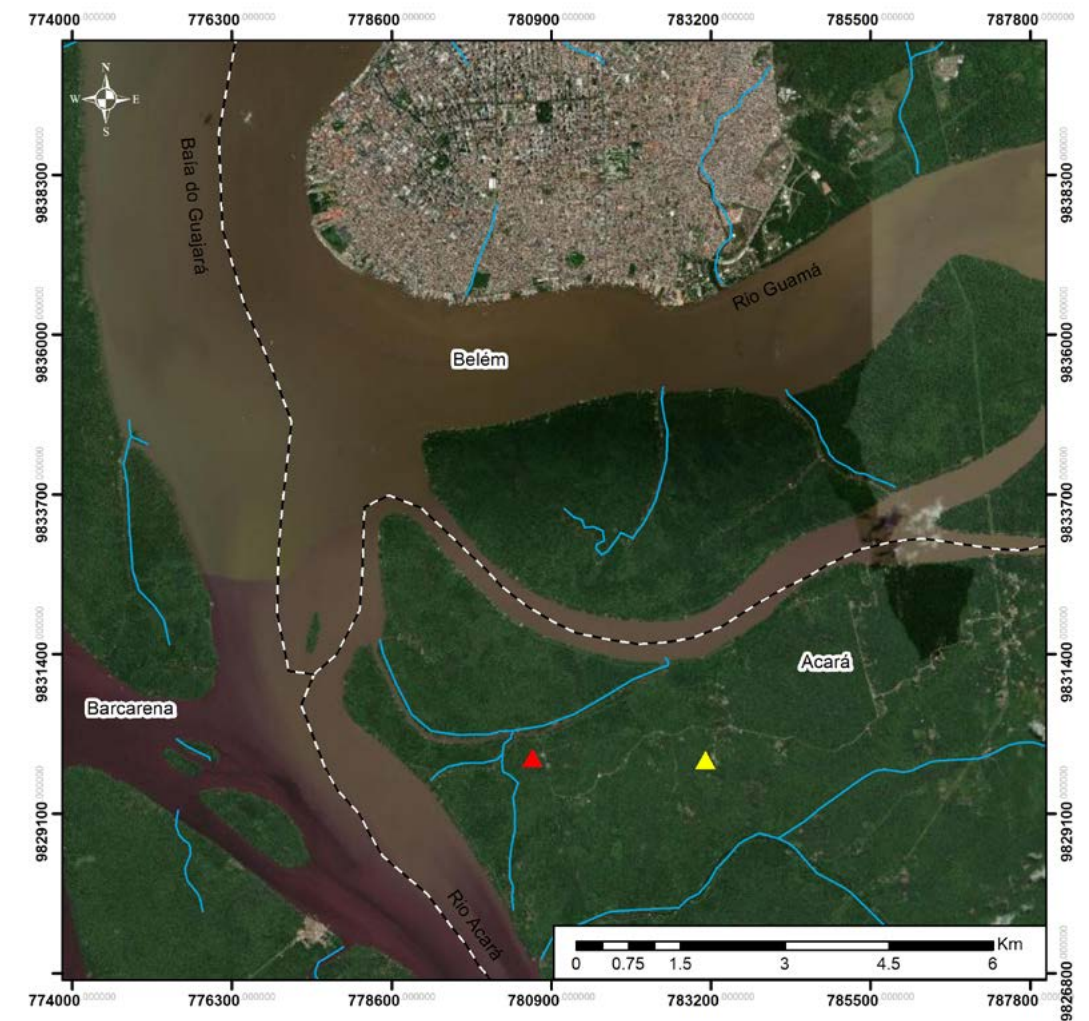
As atividades desenvolvidas buscaram resgatar a história oral dos moradores mais idosos, detentores das memórias do período em que houve a presença de uma população negra escravizada. Além disso, as entrevistas revelaram diversas narrativas populares sobre histórias e lendas contadas sobre visagens e assombrações que povoam o imaginário dos moradores.

Registros sobre o patrimônio cultural imaterial também foram verificados, como as festividades de Santos, saber-fazer artesanais de certos objetos e alimentos, e os usos medicinais tradicionais.

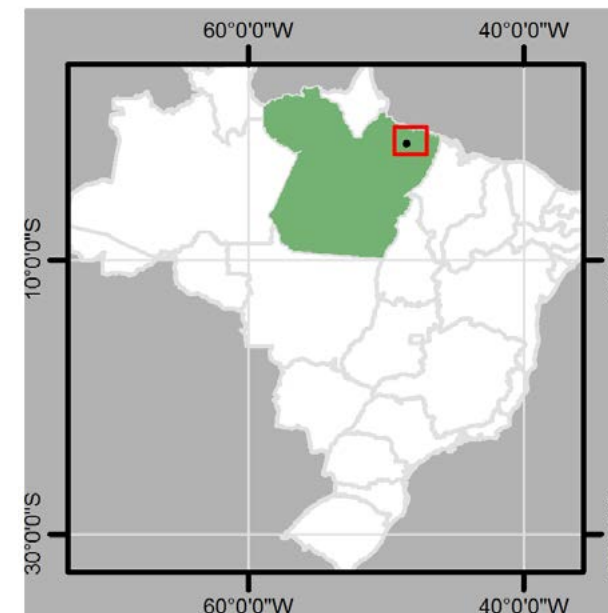
Foram ainda realizadas, nos meses de novembro e dezembro de 2019, atividades de Educação Patrimonial, com palestras abordando os temas de arqueologia e patrimônio cultural e oficinas práticas estimulando os participantes sobre a valorização e a preservação do patrimônio local.

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS COMUNIDADES SANTA QUITÉRIA E ITACOÃZINHO ACARÁ - PARÁ

Situadas à margem direita do rio Moju, na região do Baixo Acará, município do Acará – Pará, as comunidades de remanescentes de quilombos Santa Quitéria e Itacoãzinho são limítrofes entre si e também fazem fronteira com a várzea do Igarapé Urucuriteua, comunidade de Genipaúba, com duas propriedades privadas e com a margem do Igarapé Maracujá – principal via fluvial utilizada pelos comunitários para acesso a outras localidades. O deslocamento terrestre dos comunitários é feito por ramais que as ligam à rodovia PA 483 - Alça Viária. Em linha reta, as comunidades estão a aproximadamente sete quilômetros de distância de Belém do Pará.



Fonte: INSIDE, 2020.



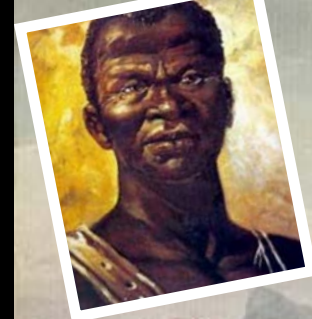
Legenda

- ▲ Comunidade Itacoãzinho
- ▲ Comunidade Santa Quitéria
- Drenagem
- - - LIMITE MUNICIPAL

Convenções Cartográficas
Datum: Sirgas, 2000
Projeção: UTM / Fuso 22
Base digital: IBGE, 2015
Imagem: Basemap (Google Earth)
Escala: 1:77.000

AS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS DO BRASIL

RESISTÊNCIA E LUTA PELO TERRITÓRIO



Zumbi
Líder do Quilombo dos Palmares



O quilombo foi, portanto, um acontecimento singular na vida nacional, seja qual for o ângulo por que o encaremos. Como forma de luta contra a escravidão, como estabelecimento humano, como organização social, como reafirmação dos valores das culturas africanas, sob todos estes aspectos o quilombo revela-se como um fato novo, único, peculiar, - uma síntese dialética (CARNEIRO, 1958, p.24).

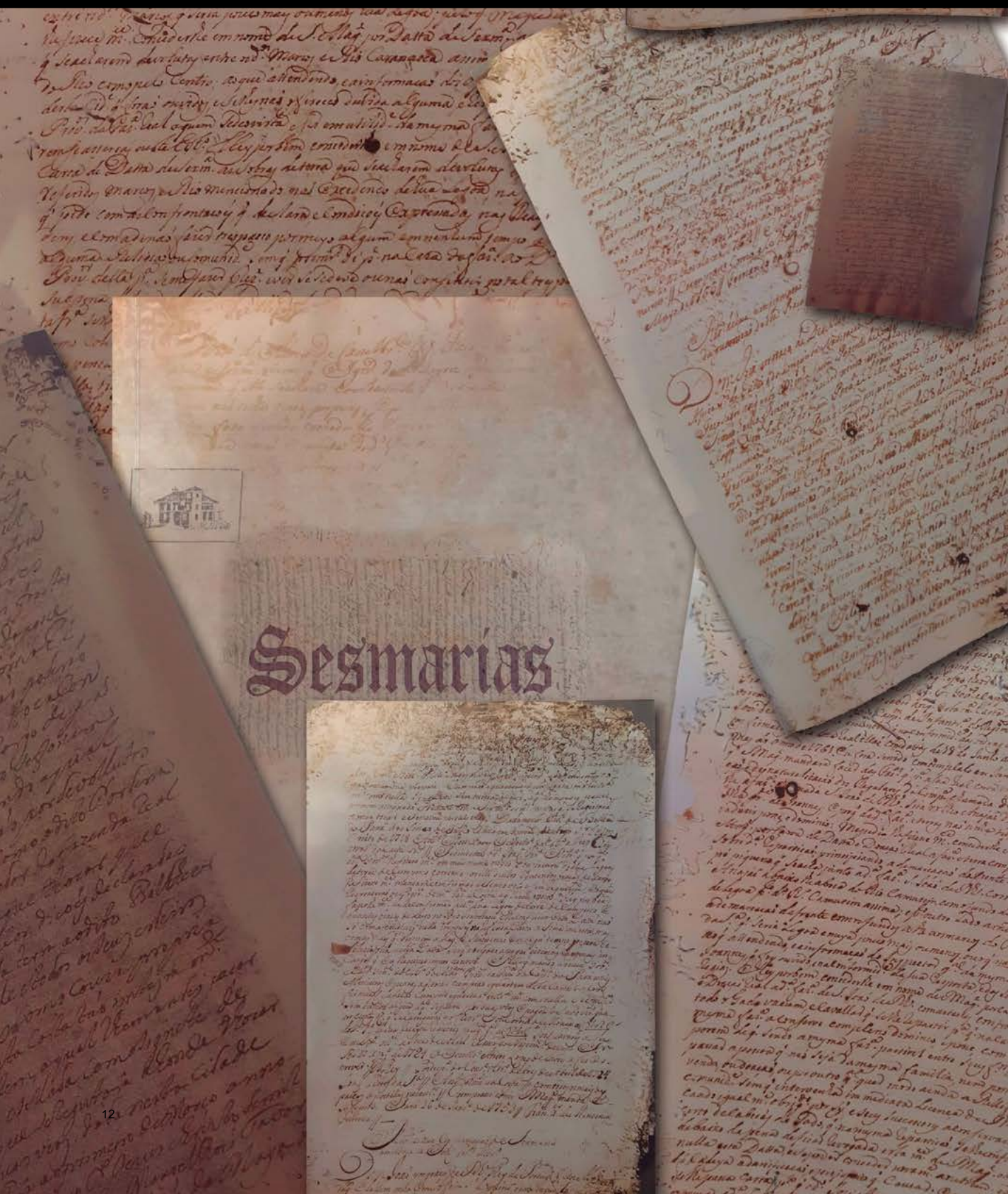
O processo de formação dos quilombos tem sua origem no período correspondente ao sistema escravocrata (entre os séculos XVI e XIX), no qual homens e mulheres escravizados criaram mecanismos de resistência às opressões e elaboraram estratégias de sobrevivência diante das violências sofridas. Nesse sentido, a fuga foi o recurso mais utilizado por pessoas escravizadas para escapar da escabrosidade do cativo, e foi justamente o ajuntamento desses escravos fugitivos que constituiu a formação dos quilombos no Brasil.

O movimento de fuga era em si uma negação da sociedade colonial, esta que oprimia e subjugava a vida de seres humanos, negando-lhes a dignidade e eliminando suas línguas, costumes e tradições; o quilombo, por sua vez, era a reafirmação da cultura e estilo de vida oriundos do seu continente de origem - a África (Carneiro, 1958).

Um dos quilombos mais conhecidos da história é o quilombo dos Palmares, grande símbolo de resistência escrava no Brasil, localizado no estado de Alagoas, mais especificamente na região da Capitania de Pernambuco. O quilombo dos Palmares tinha como líder Zumbi, figura representativa da luta e resistência negra até o Brasil atual.

Compreender a questão que constitui o processo de formação de quilombos no Brasil é buscar apreender a nossa própria história, história da luta política de sobrevivência da nossa população negra. Os conflitos por territórios invadidos ou ocupados durante o processo colonial permanecem até os dias de hoje (Leite, 2000). Em todo o território nacional, comunidades negras reivindicam o reconhecimento legal, o direito à permanência nessas áreas de cultivo e cultura diaspórica forte, além da valorização de suas práticas e tradições.

BREVES APONTAMENTOS SOBRE O PERÍODO ESCRAVOCRATA BAIXO ACARÁ - PARÁ



A formação do campesinato no Vale do Acará tem início na antepenúltima década do século XVIII, tendo os administradores coloniais incentivado a exploração de madeiras de lei na região. Para esta atividade, eram utilizados como mão-de-obra os trabalhadores indígenas (MARIN; CASTRO, 2009, p. 94). A primeira carta de sesmaria concedida pela administração colonial no baixo Acará ocorreu no ano de 1707, tendo como beneficiário João Ferreira Ribeiro (MARIN, 2000, p. 06).

As cartas de sesmarias tinham como finalidade a concessão nominal de terras para o avanço da colonização frente a áreas ainda não exploradas. Em levantamento no Arquivo Público do Estado do Pará, acessamos a coleção de livros ITERPA Sesmarias (ITERPA, 2010). Na ocasião, buscamos evidências históricas a respeito da ocupação do território em que hoje estão situadas as comunidades de Remanescentes de Quilombos Santa Quitéria e Itacoázinho, mas não obtivemos sucesso.

Ainda neste mesmo século, devido ao estabelecimento de novas práticas agrícolas e rearranjos sociais na região, além dos já estabelecidos indígenas, colonos, lavradores migrantes e sesmeiros¹, para suprir a demanda por mão-de-obra destes últimos citados em seus engenhos, engenhocas ou plantações de tabaco, entraram em cena escravos importados do continente africano, visto que a administração colonial passou a vetar a utilização de mão-de-obra indígena para atuar em tais estabelecimentos, conforme mostra Marin (2000, p. 09).



Em 1729, a Coroa proibiu a utilização de mão-de-obra indígena nos canaviais, engenhos e áreas de cultivo do tabaco e os cultivadores foram pressionados para adquirir o escravo de origem africana, introduzido, anos depois, pela Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão.

1. Para melhor compreensão das atividades econômicas e mão-de-obra utilizada pelos sesmeiros da época, ver: ANGELO- MENEZES, 2010.

Quilombola

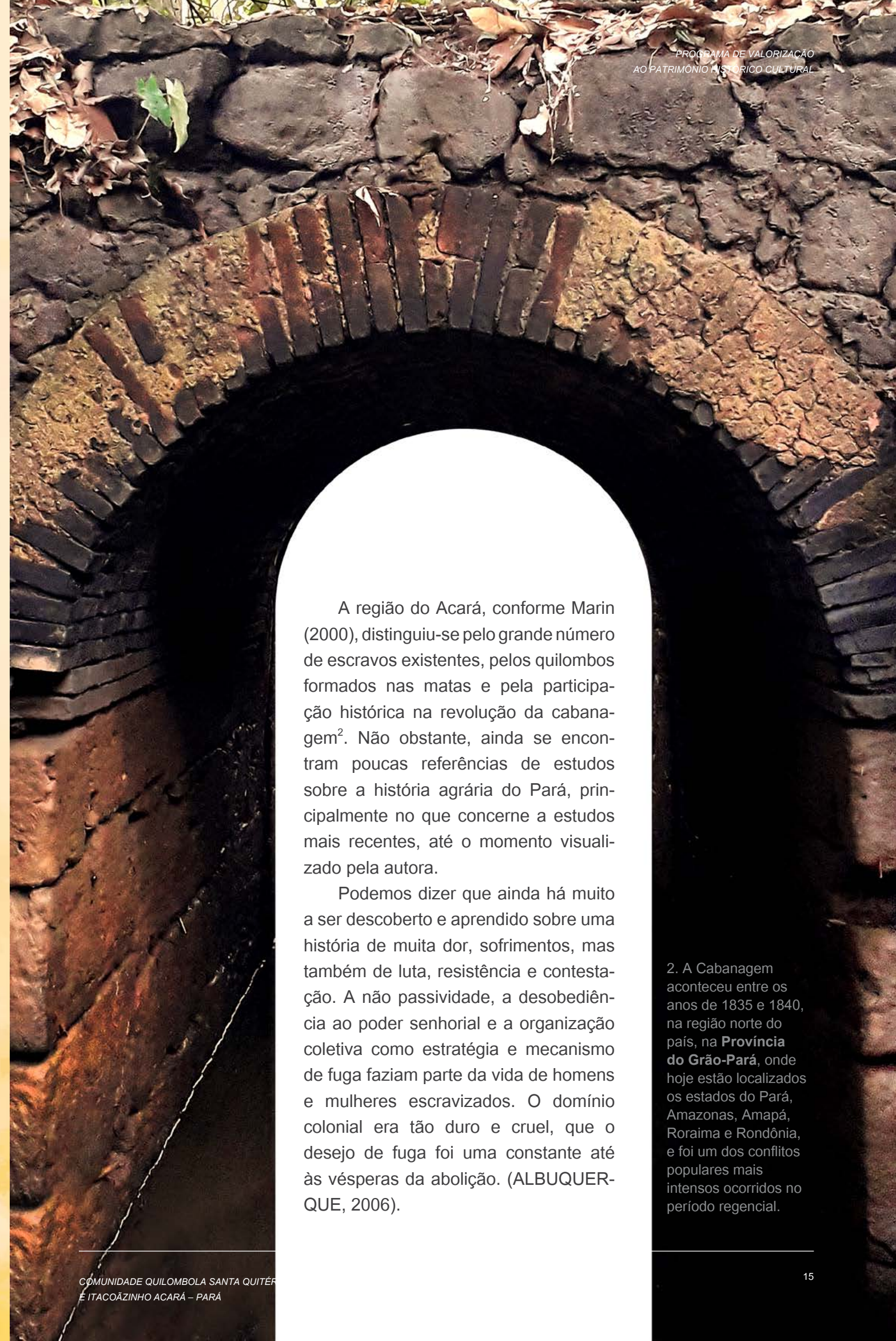
Como aponta Marin e Castro (2009), nesse sentido, é possível perceber que tanto os quilombos quanto os mocambos reuniam trabalhadores negros e indígenas que partilhavam ideias de liberdade, sendo assim, não eram formados apenas por escravos negros fugitivos - forte crença que é reproduzida até os dias atuais. Toda essa questão da proximidade entre eles contribuiu ou para serem mais atingidos em virtude da conjuntura política ou favorecidos pela permanência por estarem mais integrados à economia do capital. Essas hipóteses fazem com que o historiador insista em encontrar materiais que ajudem a construir a trajetória de um quilombo e, dessa maneira, responder, minimamente, a suas especulações (MARIN;CASTRO, 2009, p. 95).



As motivações de organização dos quilombos eram diversas. Além de partilhar o desejo pela liberdade, havia os sentimentos comuns de insatisfação, as dores, os ressentimentos, as trocas mercantis e a própria rebeldia individual em relação aos castigos, que ensejavam o interesse pela fuga. Tudo isso unia negros e índios a um mesmo ideal: ser livre. Alguns escravos também mantinham relações com seus senhores após a fuga, dessa forma salientam Marin e Castro (2009), esse processo de fuga e inserção dos trabalhadores escravizados não pode ser analisado a partir de modelos prontos e fechados, não se encaixando nem mesmo em um único modelo.



COMUNIDADE QUILOMBOLA SANTA QUITÉRIA
E ITACOÁZINHO ACARÁ - PARÁ



A região do Acará, conforme Marin (2000), distinguiu-se pelo grande número de escravos existentes, pelos quilombos formados nas matas e pela participação histórica na revolução da cabanagem². Não obstante, ainda se encontram poucas referências de estudos sobre a história agrária do Pará, principalmente no que concerne a estudos mais recentes, até o momento visualizado pela autora.

Podemos dizer que ainda há muito a ser descoberto e aprendido sobre uma história de muita dor, sofrimentos, mas também de luta, resistência e contestação. A não passividade, a desobediência ao poder senhorial e a organização coletiva como estratégia e mecanismo de fuga faziam parte da vida de homens e mulheres escravizados. O domínio colonial era tão duro e cruel, que o desejo de fuga foi uma constante até às vésperas da abolição. (ALBUQUERQUE, 2006).

2. A Cabanagem aconteceu entre os anos de 1835 e 1840, na região norte do país, na **Provincia do Grão-Pará**, onde hoje estão localizados os estados do Pará, Amazonas, Amapá, Roraima e Rondônia, e foi um dos conflitos populares mais intensos ocorridos no período regencial.

COMUNIDADES REMANESCENTES QUILOMBOLAS DE SANTA QUITÉRIA E ITACOÃZINHO

NARRATIVAS DE MORADORES E DOCUMENTOS HISTÓRICOS



A partir de indagações com as comunidades vieram à tona alguns relatos sobre o processo de ocupação da região, seguido das lutas por titulação da terra e, por fim, de forma espontânea, algumas demandas históricas de lutas comunitárias, como a questão da saúde, da educação e dificuldades de mobilidade geográfica.

Todas as entrevistas foram delineadas a partir do que os interlocutores traziam de mais importante sobre a história da comunidade, sendo estes os principais agentes da pesquisa, responsáveis pela construção empírica sobre o que representa Santa Quitéria e Itacoãzinho para moradores da região.

Em seguida, mostraremos alguns trechos dos relatos coletados, cujas narrativas subsidiam algumas análises históricas.



A LUTA PELA TITULAÇÃO DO TERRITÓRIO

Em abril de 2010, a Fundação Cultural Palmares, por meio de sua portaria 59, de 27 de abril, embasada pelas leis vigentes naquele período, registra e certifica as comunidades de remanescentes de quilombos Santa Quitéria e Itacoãzinho, situadas no município do Acará - PA, bem como outras comunidades com perfil semelhante, espalhadas por todo território nacional, como autodeclaradas remanescentes de quilombos (BRASIL, 2010).

No dia 17 de dezembro do mesmo ano, o título de reconhecimento de domínio coletivo do território foi concedido pelo Instituto de Terras do Pará – ITERPA – às comunidades Santa Quitéria e Itacoãzinho sob a responsabilidade jurídica da Associação de Moradores e Agricultores Remanescentes de Quilombos das Comunidades de Santa Quitéria e Itacoãzinho – AMARQUISI³, representada legalmente pelo senhor Clodoaldo Farias Maciel. A área dessas comunidades, juntas, possui pouco mais que 646 (seiscentos e quarenta e seis) hectares, distribuídos por aproximadamente 12 (doze) mil metros, na forma de um polígono irregular. Encontra-se situada à margem direita do rio Moju, tendo como limites naturais os igarapés Irucuriteua e Maracujá, e como demais limites, a comunidade Genipaúba e duas propriedades fundiárias de pessoas físicas distintas (ITERPA, 2010).

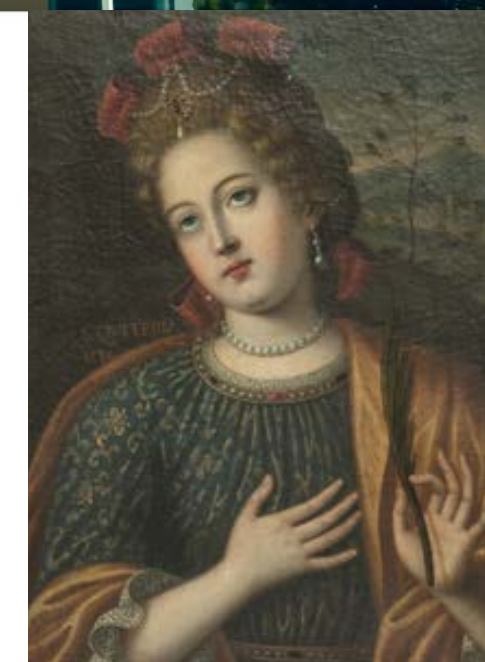
Em entrevista realizada com o senhor **Clodoaldo Farias Maciel**, 49 anos, importante liderança da região, foi relatado sobre a origem do nome de Santa Quitéria:



Santa Quitéria é uma parte de Itacoãzinho que foi doada a uma portuguesa chamada: Etelvina. Ela era afilhada de um dos membros da família Guerreiro (escravocratas). Etelvina quando recebeu esse pedaço de terra, procurava dar um nome.

Foi quando, na época visitando uma das igrejas da cidade velha em Belém, viu uma santa de Portugal com nome Santa Quitéria. Ela se agradou com a Santa e colocou o nome em seu pedaço de terra que havia ganhado.

(Entrevista realizada no dia 31/11/2019).



3. Sua fundação ocorreu no ano de 2004.



Clodoaldo, acessando as lembranças contadas por seus antepassados, foi relatando lembranças da infância que aos poucos iam sendo memoradas sobre histórias que sua mãe contava acerca da sua avó, por exemplo, que viveu no período da escravatura. Tanto a mãe⁴ quanto o pai⁵ de Clodoaldo, que estavam próximos no momento da entrevista, relataram que sua família trabalhou muito no período da escravidão e recebeu muitas “pancadas”. Aliás, falar sobre esse tempo é algo difícil até hoje⁶, pois não gostavam de ouvir a mãe falar sobre esse assunto quando criança. Conseguir a titularidade da terra é algo que orgulha o pai de Clodoaldo, que afirma “meu filho batalhou muito pra conseguir isso... até pra Brasília foi”.

Clodoaldo também ressaltou a região como sendo um ponto importante na produção da cana-de-açúcar e fazenda de olaria. Tal assertiva é evidenciada por meio da existência dos sítios envolvidos na região de Itacoãzinho até Itacoã.

Faziam aquele açúcar moreno, era o mascavo né. E essa produção descia, passando de casa, ali direto pra beira do rio. Ela descia pelo um trilho até chegar na beira do rio. Até hoje essa passarela é chamada de trilho. Quando o japonês comprou esse terreno, a Santa Quitéria toda, já da Etelvina, uma senhora portuguesa que ganhou



essa parte dos Guerreiros, era uma das afilhadas dos Guerreiros dos escravocratas, quando ela ganhou, ela colocou esse nome de Santa Quitéria. Então o japonês já comprou dela. Aí ele fez em cima desse trilho uma passarela de pedra pra ele passar com trator cheio de pimenta do reino pra lá. E hoje em dia em cima da passarela de pedra tem uma passarela de aterro, que foi a gente que já aterrou até à beira do rio, pra gente andar até hoje. Então, embaixo dessas duas passarelas, de pedra e aterro, tem um trilho. Um tempo atrás a gente tava limpando lá e ainda achou, ainda tá por lá uns pedaços de trilho... a gente pensa que é verdade mesmo que era lá. (Entrevista realizada com Clodoaldo no dia 20/11/2019).

4. Dona Esmeralda, 75 anos.

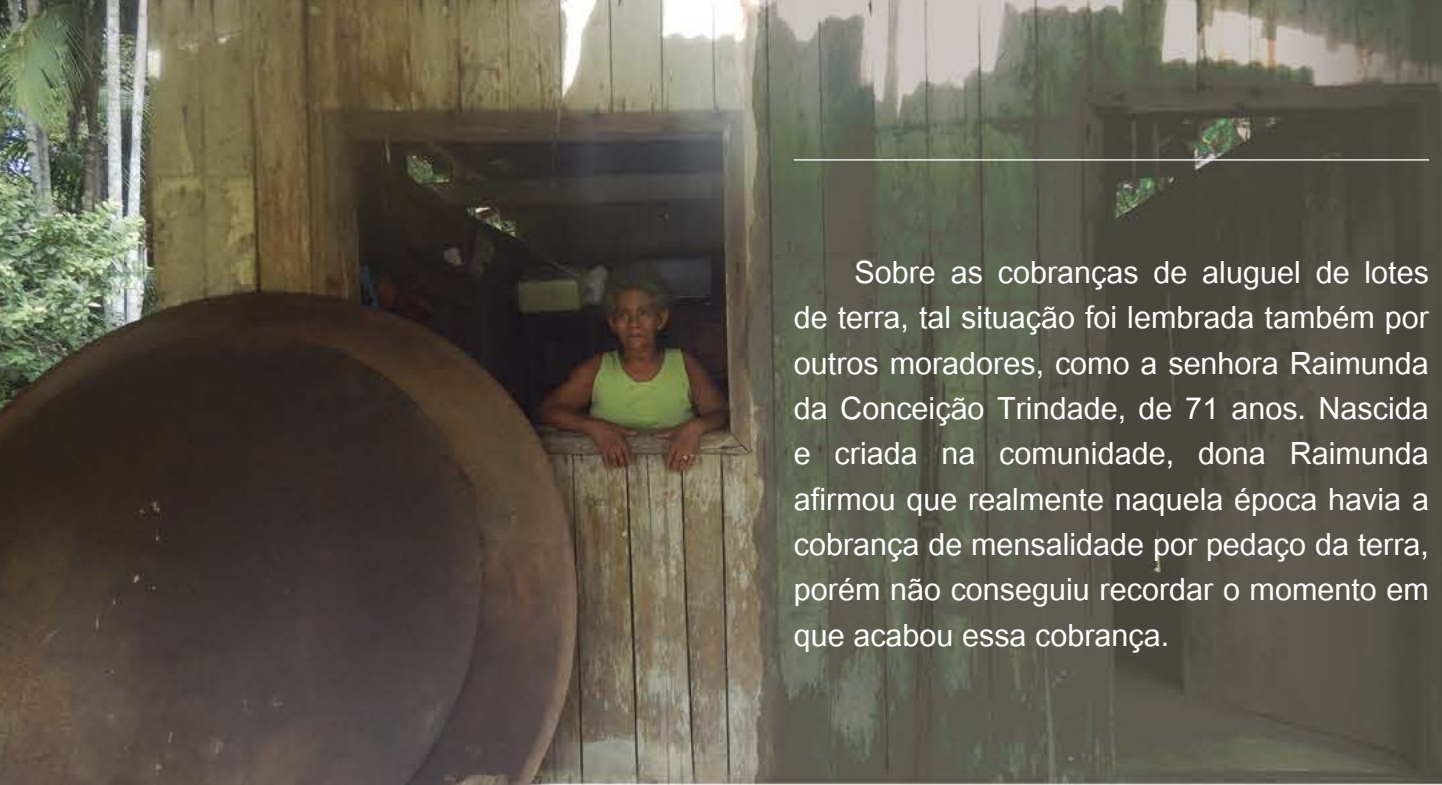
5. Seu Ademar, 77 anos.

6. Percebemos a dificuldade de conseguir informações sobre o período da escravatura com moradores antigos em função de muitos deles não lembrarem ou não quererem lembrar, falar, sobre um momento histórico tão difícil e doloroso, o qual rememora as vivências de seus antepassados sob o domínio colonial.



Jéssica Trindade dos Santos, 28 anos, estudante do curso de serviço social, nascida e criada na localidade em estudo, passou um tempo morando com a mãe em Belém e retornou após ter casado. Atualmente é bastante engajada nos assuntos referentes à comunidade e isso ficou bastante visível em sua fala. Sobre o processo de titulação da terra, a moça afirma não ter participado desse momento, pois tal fato ocorreu na época em que não estava morando na região. Quando chegou à comunidade disse que já estava tudo encaminhado. Entretanto, ao ser indagada sobre histórias que conhece a respeito da região, a interlocutora comenta:

Olha, o que eu sei é o que minha vó e bisavó falaram pra mim... Eles não se originaram aqui, eles eram de outra comunidade, e quando eles ficaram sabendo que aqui tinha terra pra trabalhar, aí foi que eles se mudaram pra cá. Minha tataravó ainda chegou a morar na casa onde os escravos viviam, que era uma casa ali na calha... aí ela disse que quando chegou pra cá ainda existia essa casa, ainda viviam, moraram lá ainda. Aí foi quando eles começaram a pagar aluguel aqui da terra, foi dividido em partes e começaram a pagar aluguel que era pra trabalhar aqui na terra, pros donos da terra né? Aí foi quando com o tempo (eu ainda me alembro quando a vovó pagava esse aluguel)... aí com o tempo já foi titulado. Que aquele terreno que era alugado, a pessoa passasse a ser dona daquele terreno (Entrevista realizada com Jéssica no dia 23/11/2019).



Sobre as cobranças de aluguel de lotes de terra, tal situação foi lembrada também por outros moradores, como a senhora Raimunda da Conceição Trindade, de 71 anos. Nascida e criada na comunidade, dona Raimunda afirmou que realmente naquela época havia a cobrança de mensalidade por pedaço da terra, porém não conseguiu recordar o momento em que acabou essa cobrança.

A senhora Joana Rosário da Conceição, de 70 anos, guarda as únicas evidências identificadas que são alguns recibos, entre eles, encontramos o mais antigo datado de 1945 e o mais recente de 1997, porém, nem mesmo eles são parâmetros definidores de tais períodos, pois a referida senhora entrevistada nos informou que há alguns anos ela queimou grande quantidade dos recibos que tinha guardado.



“

Não, não lembro quando parou. Nós pagamos pra essa mulher que mora aí na beira, essa velhinha, sabe... (dona Dalilla e seu Urbano). Primeiro foi pro outro marido dela, pro pai das filhas. Nós pagava pra ele... aí ela foi embora e quando voltou foi com esse. Aí nós passamos a pagar pra esse e quando foi, foi... com o tempo ele largou de mão. Ele que parece que não quis mais cobrar, eu acho... A gente pagava (Dona Raimunda, 71 anos, entrevistada dia 23/11/2019).

”

Condomínio 50,00
 Aluguel
 Acréscimo c/Lei
 Imp. e Taxas
 Taxa Água
 TOTAL RS

Nº 39

Receb do Sr. Marciana

a quantia de RS

Proveniente do aluguel do lote 39

sito à Itacoara

vencido a vencer-se

correspondente ao mês de Dezembro 95, Jan Fev Março de 1996

Maria

CR. \$ 10,00

Recebi do Sr. Hermogenes dos Santos a quantia de Dez cruzeiros aluguel do lugar que ocupa no Sítio Sto. Antonio, referente ao mês de Outubro 1944

Sto. Antonio 31 de Outubro 1944

Gabriel Vasconcelos

Aluguel Cr.\$
 Água Cr.\$
 Cr.\$

Nº 23

Receb do Sr. Hermogenes dos Santos a quantia de

pelo aluguel de propriedade de Gabriel Vasconcelos

vencido em 31 de Agosto de 1944

Selado com Cr\$

1-Liv. Pará

Nº 37

Residencial Comercial

Aluguel
 Impostos
 Seguro
 Condomínio
 Soma 10,00
 Desc. IR - Fonte
 Líquido

Recebi(emos) de Marciana

A quantia de dez reais

Proveniente do aluguel do lote 39 sítio no Itacoara

Correspondente ao período de de 1997 Julho

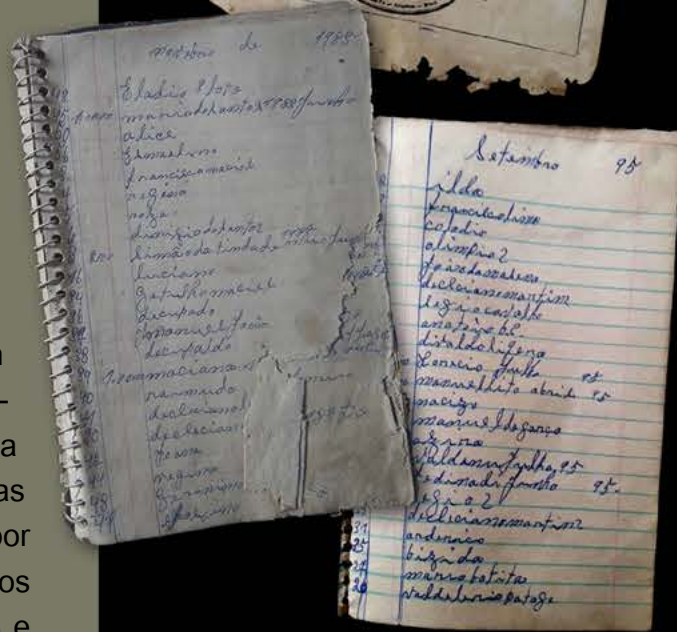
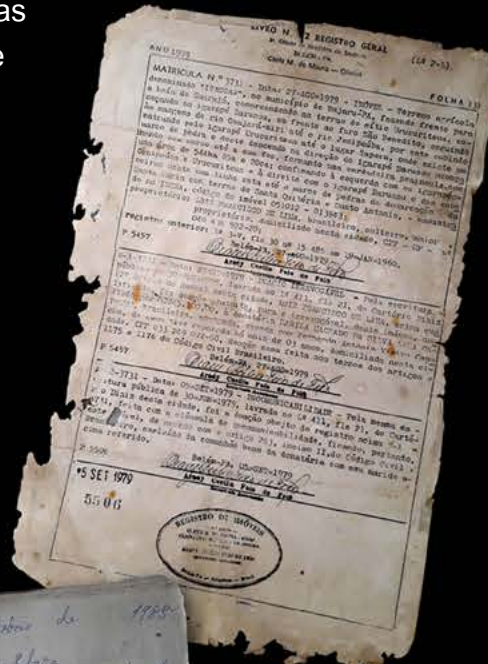
Vencido em

Maria

UTILIZE IMPRESSOS tilibra



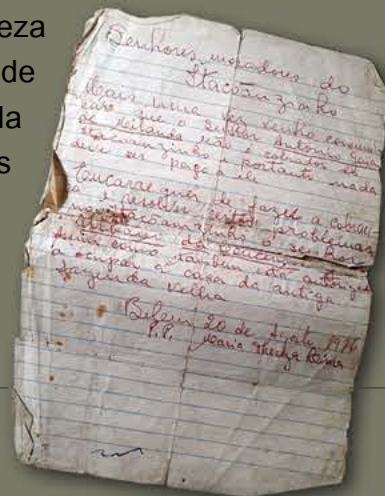
Durante entrevista com **Maria Ocileia de Oliveira Freire**, 53 anos, filha da dona Dalilla Sales de Oliveira⁷, que é viúva do senhor Urbano da Conceição Gaia, acessamos três importantes evidências históricas a respeito do período em que ocorriam as cobranças de aluguéis onde hoje se encontram as duas comunidades pesquisadas e outras localidades.



A **primeira** evidência trata-se do termo de doação do terreno denominado “Itacoã” de Luiz Francisco de Lima para Mariza Machado da Silva Lima Capucho, ambos residentes em Belém do Pará, em 5 de setembro de 1979. De acordo com Maria Ocileia, após o falecimento de Mariza Machado, o terreno foi herdado por sua filha Maria Tereza Lima, a qual permaneceu realizando as cobranças de aluguel do terreno até o seu falecimento.

A **segunda** evidência acessada são dois cadernos de controle de cobranças de aluguel guardados pela senhora Dalilla, pertencente à Urbano da Conceição Gaia. De acordo com Maria Ocileia, o senhor Urbano saía nas primeiras horas da manhã, ainda na escuridão da noite, de canoa, para dar conta de realizar todas as cobranças de aluguel no período preferido por ele. No caderno identificamos como períodos inicial e final os meses de novembro de 1983 e setembro de 1995.

A **terceira** evidência é uma carta de Maria Tereza Lima aos moradores de Itacoãzinho, na qual ela chama a atenção dos moradores quanto a quem deveria ser pago o aluguel da terra.



7. A senhora Dalilla Sales de Oliveira, 93 anos, tem perda visual e auditiva, saúde bem frágil, esteve impossibilitada de conceder entrevista, então sua filha o fez no seu lugar. Essa senhora foi casada com o senhor Anísio e depois com o senhor Urbano, responsáveis por fazer as cobranças de aluguel da terra, após os senhores de engenho terem ido embora da região, repassando o arrecadado para senhora Maria Tereza Lima, já falecida, que morava em Belém do Pará.

Clodoaldo compartilhou que, de acordo com os mais velhos, a família Guerreiro, e dos “Guilhermos”, foi encarregada de fazer essas cobranças dos aluguéis por um tempo, mas também essa função, segundo ele, passou por várias mãos: “Passou por um tio-avô nosso que é um tio dele pra fazer a cobrança, passou pelo seu Urbano, o Anísio e o Miranda...” (Clodoaldo em entrevista dia 20/11/2019).



Então, aqui pertencia, na antiguidade, eram duas famílias, a Guerreiro e depois já passou pros Guilhermos, ele eram os escravocratas. Os mais perversos mesmo eram os Guerreiros, que maltratavam demais o pessoal que trabalhava. Aí passou-se os anos, isso foi até... aí quando houve a abolição da escravatura, eles foram embora, não teve mais como seguir a produção – isso já falando da olaria em Itacoãzinho – a daqui já tinha falido, a da cana de açúcar, e na cabeça do trilho tinha mais outra olaria. Eles foram embora depois da escravatura, mas os escravos ficaram. Mas com uma outra condição, pagando aluguel pra morar e ficar. E cada um ficou no seu pedacinho. Pode ver que até hoje cada um vive no seu pedacinho. E foi passando de família em família, família em família, família em família... até chegar em nós. Aí no caso, a gente não é quilombolas de escravo fugitivo, mas quilombolas num reduto de escravos abandonados. Nós fomos abandonados, nossos ancestrais foram abandonados, não tiveram pra onde ir e ficaram aí (Entrevista realizada no dia 20/11/2019).

Ao questionarmos sobre os períodos inicial e final das cobranças, nenhum dos entrevistados soube nos responder.

SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA

Ao abordar sobre o funcionamento do sistema de saúde na região, os moradores foram enfáticos ao responderem sobre suas dificuldades e precariedades sentidas ao longo do tempo, seja antes ou depois do processo de titulação da terra. Esse fator foi percebido praticamente por todos os participantes entrevistados na pesquisa.



A respeito das condições de acesso à saúde na região, Maria Ocileia de Oliveira Freire relatou:

[...] A questão da saúde, é que não tem médico pra gente. A gente tem que ir pra Belém, ir à Boa Vista... uma dificuldade pra chegar lá. Olha a minha mãe... A minha mãe tem uma dificuldade agora né, aí tem que levar pra Belém e tudo isso é dificuldade pra levar por aqui né. Aí a gente tem que esperar a maré chegar aqui, pra gente ver um barco pra buscar ela aqui (Entrevista realizada 20/11/2019).

A respeito de possíveis mudanças no sistema de saúde após a titulação da terra, Maria Ocileia continua:

[...] Acho que era a mesma coisa. Não tem médico, remédio, não tem nada né. Aí a gente tem que correr pra Belém, a gente se rasga pra lá. Sabe como é, saúde... aí quando chega em Belém uma vaga lá um sacrifício... passar o dia todo né. [...] Bom, aqui tem um posto de saúde, mas é mesmo que nada, porque não tem médico (risos). Só tem uma menina que trabalha, mas não tem nada (Entrev. realizada 20/11/2019).

Apesar de não ter havido grandes avanços na área da saúde após o processo de titulação da terra, ocorreram significativas mudanças no que tange, principalmente, ao fornecimento de energia elétrica à comunidade, que até então tinha um acesso precário. Nesse sentido, o processo de titulação do território contribuiu bastante para o desenvolvimento e crescimento da qualidade de vida dos moradores, assim pontua a entrevistada Maria Ocileia, como se verifica a seguir:

[...] Melhorou. Melhorou bastante. Hoje a gente tem a luz, a luz que a gente tem aqui dentro de casa, que é muito boa que serve pra nós. Aí economizou pra gente, porque a gente comprava querosene aí tinha um motorzinho de gasolina que a gente puxava, a gente pagava caro... [...] Água também. Foi muito bom, graças a Deus, dentro de casa. Que a gente carregava ali. Passava o dia inteiro pra carregar pra casa pra gente tomar água. Tudo isso após a titulação da terra. Faz mais de 3 anos que chegou a energia aqui (Entrev. realizada 20/11/2019).



Clodoaldo Farias Maciel, 49 anos, dirigente da AMARQUISI, compartilhou conosco sobre a falta de posto de saúde nas comunidades, tanto em Itacoãzinho como em Santa Quitéria, e como alternativa grande parte dos moradores se desloca até a comunidade ribeirinha de Boa Vista do Acará e Belém para se consultar e fazer exames, tendo o acesso mais dificultado ainda no período de chuvas, em que as condições de acesso ao ramal ficam piores, tornando-se quase intrafegável.

[...] No momento o que eu gostaria que melhorasse mesmo é essa questão de saúde, porque a gente batalha mesmo pra ter pelo menos um postozinho aqui que atendesse pelo menos duas vezes, uma vez na semana. Porque todo dia o pessoal vai pra Boa Vista. É muito ruim no período de chuva, cara, aqui pra gente enfrentar esse ramal com chuva e com gente doente. Vai pro posto de Boa Vista e chega lá não tem médico. Aí a gente prefere hoje em dia chamar o barco e levar pra Belém. Então, o que a gente queria mesmo que melhorasse era essa questão da saúde, que tivesse posto, mas tivesse médico também pra atender. A outra coisa que a gente quer que melhore aqui também

é a questão do acesso nosso ao ramal e trapiche nas comunidades que o prefeito não olha. Entra ano e sai ano e eles não melhoram essa parte aí dos trapiches e dos acessos de ramal. A prefeita fala pra gente que é muito difícil, que o recurso da prefeitura é muito pouco pra fazer pra cá, que é muito caro. Toda vez que a gente faz reunião com ela, ela fala essa questão, que pra fazer ramal é muito caro e a prefeitura não tem dinheiro. Tanto é que a gente anda por aí e a gente não vê trapiche em pé. O nosso ainda existe aqui devido a força da comunidade mesmo. Faz coleta, derruba árvore, coloca lâmpada e assim vai levando (Entrevista realizada 20/11/2019).

A precariedade no sistema de saúde e a notória falta de acessibilidade existente nessas regiões de ilhas, acentuada pela falta de interesse do investimento público em desenvolver melhoras no local, são fatores sociais e históricos que juntos se constituem como as grandes dificuldades encontradas pelos moradores das comunidades remanescentes de quilombos Santa Quitéria e Itacoãzinho. Não obstante, durante os relatos é unânime o gostar de morar na região. “Nós dorme tranquilo aqui, graças a Deus. Não tem aquela agonia aqui. Até agora não tem mais visagem, graças a Deus (risos)” (Maria Ocileia).



Seu Esmaelino Pinheiro dos Santos, 86 anos, morador antigo da região, comentou que quando seus pais trabalhavam a vida era muito dura, às vezes, mesmo trabalhando, não conseguiam dinheiro para subsistência e viviam numa pobreza extrema. Reafirma o quão melhorou a vida se comparada a antigamente:

[...] Meus filhos tudinho foram criados aqui. A vida aqui era uma pobreza muito ruim [...] a gente trabalhava muito e passava muito ruim. Hoje em dia não, não tem quase ninguém pobre. (Entrevista realizada dia 22/11/2019).

Nesse sentido, de acordo com a fala do seu Esmaelino, é possível visualizar que mesmo com as dificuldades encontradas na região de Santa Quitéria e Itacoãzinho, a vida, atualmente, é melhor que nos tempos antigos. Pode-se dizer que o processo de titulação da terra contribuiu veementemente para a mudança das condições de vida da população e, conseqüentemente, no seu desenvolvimento, apesar de que ainda há muito que ser feito.

EDUCAÇÃO E ENGAJAMENTO POLÍTICO

Segundo Clodoaldo, até o momento desta pesquisa existiam 96 famílias residindo em Santa Quitéria e Itacoãzinho e duas escolas atendendo crianças e jovens nessas comunidades.



No que se refere aos jovens darem prosseguimento aos estudos, a interlocutora Jéssica Trindade dos Santos, 28 anos, estudante de serviço social da Universidade Federal do Pará – UFPA e bastante engajada nos assuntos políticos referentes às comunidades, comentou que em muitos deles ainda falta o interesse em conhecer mais sobre onde moram, sobre as suas origens. Porém, aponta que a realidade aos poucos está mudando em virtude do processo seletivo especial para ingresso na UFPA, que, atualmente, exige dos estudantes o conhecimento sobre sua comunidade ao serem avaliados por meio de uma redação e de uma entrevista.

[...] Olha, eu mesma não tinha muito interesse. Eu comecei a ter interesse justamente quando entrei na Universidade. Antes de eu entrar na universidade, eu comecei a participar da associação né, como moradora daqui tinha que ser associada, a minha avó me deu um pedaço de terra pra eu fazer minha casa, aí eu vim pra cá. Aí eu fiz a minha casa e tive que me associar na associação. Foi quando eu comecei a participar das reuniões, aí me colocaram como secretária... aí quando eu voltei, me formei na universidade, foi que eu fui me aprofundar na história e vi o quanto significativo é tudo isso, porque eu conheço tudo aqui na região, mas não tinha essa visão de o quanto era importante conhecer e saber do que tinha acontecido por aqui. Aí depois disso eu comecei a procurar conversar com meus avós, bisavós, saber das histórias... foi quando eu passei a ter conhecimento que eu vi o quanto tem que lutar pra que isso aqui não morra, que a cultura não morra. Que a gente continue repassando pras outras gerações para que não morra, mas tenha uma continuidade, pras crianças, adolescentes... Quando eu entrei na universidade tinham apenas 3 pessoas daqui na universidade. Aí no ano que eu entrei, entraram 4. Eu e mais 3 colegas. Em 2018 já foram 17 pessoas que passaram. A gente começou a ter diálogo com os jovens, a incentivar eles... se a gente conseguiu, eles também podiam conseguir. Foi que eles começaram a ter interesse, porque os jovens não tinham muito interesse... terminavam ensino médio e paravam por ali. Aqui de Itacoãzinho e Santa Quitéria. De 2018 pra 2019 passaram 14 pessoas daqui (Entrevista realizada 23/11/2019).





A interlocutora Jéssica ressalta em vários momentos a importância de os jovens conhecerem seus direitos, de terem também conhecimento sobre suas próprias vivências e histórias. A mesma mostrou-se, também, bastante engajada e crítica em relação aos assuntos que atingem a comunidade, a exemplo da realização de grandes projetos e empreendimento que afetam diretamente o cotidiano dos moradores.

[...] Olha, eu não sou de acordo que venham os grandes projetos pra cá. Eu não vejo como desenvolvimento, eu vejo como uma forma de silenciamento. Vai ter impactos e eu acredito que mais negativos do que positivos. Algumas pessoas da comunidade acreditam que esse projeto, empreendimento, seja pra desenvolver a comunidade. Que vai desenvolver a comunidade e ter alguns avanços, vai sim. Mas também vai ter muitos impactos negativos. Leito de rios, nossa cultura... o próprio dia-a-dia. Muita gente acha isso aqui muito pacato, mas eu não consigo passar mais de um mês fora daqui. No caso, o pacato pra gente é positivo. É tranquilo, a gente tem segurança, mas tem gente que acha que aqui é muito parado... Eu não sou de acordo que venham esses grandes projetos porque eu acho que vai destruir nossa cultura, nossa comunidade (Entrevista realizada dia 23/11/2019).



Nesse sentido, o direito a uma educação digna e de qualidade também requer a assunção de uma postura crítica e não conivente com tudo o que envolve direta ou indiretamente a comunidade. Educar e ser educado é ir além. É opinar, é construir, é refletir, é indagar. Desenvolver um comportamento incisivo e que leve em consideração o bem-estar coletivo é algo que as novas lideranças locais almejam para que as comunidades não sofram influências negativas de obras realizadas sem consentimento e aval da população. O diálogo com as comunidades deve ser priorizado em consonância com a satisfação dos interesses de ambos os lados, tanto do investidor como do entrevistado, sempre pensando na preservação dos modos de vida dos moradores da região e da ética em ouvi-los considerando seus pontos de vista e cultura local.



MEMÓRIAS DE UMA HISTÓRIA

A valorização do patrimônio histórico e cultural pretendido neste trabalho desenvolvido junto à comunidade tem como princípio registrar também a memória dos moradores mais antigos sobre as lembranças que eles têm da época em que houve a presença dos negros escravos no local.

Em todas as entrevistas realizadas, quando perguntávamos das lembranças sobre o período escravista, a primeira referência das pessoas era falar da Calha ou ruínas, que fica no Itacoãzinho. Esta Calha, segundo Fernando Marques, é o local onde existia a roda d'água do engenho. Este local e o espaço com outras estruturas ao lado é o Sítio Arqueológico Itacuã PA- TU- 01.

A segunda referência em suas falas era citar a existência do “sumidor”. Muitos afirmaram que este local era um buraco onde os escravos eram jogados para a morte. Outras referências também foram citadas, como as duas outras estruturas ali presentes, uma trata-se de um possível forno e outra que parece remontar ao período no qual ali funcionou uma olaria, segundo informações dos moradores.

Quanto à referência de uma possível casa-grande no local, alguns moradores disseram nas entrevistas que quando eram crianças chegaram a ver uma parte da casa-grande. Uns relataram que a casa era de madeira e outros já diziam que era de barro, porém, um detalhe sempre foi destacado nas falas, era que os esteios que sustentavam a casa eram bastante espessos. Na fala a seguir podemos verificar um pouco sobre as lembranças de um entrevistado em relação a uma possível casa-grande.

Quando eu cheguei aqui... vocês já foram lá na beira? Aquela casa vinha de cima daquele igarapé... vinha no caminho ainda... neste caminho que entra pra cá... era daqui como se fosse pra que bacabeira... ainda conheci, era uma casa muito grande... era de madeira, mas era muita madeira... tudo aquilo era obra de preto... o assoalho dela era plainado de uma beleza por cima, mas por baixo tinha uns três, quatro dedos de grossura aquelas tábuas por baixo... era tirado no machado, não era nem cerrado... em cima eles plainavam... faziam tudo... plainavam, encaixavam... disque... não vê aquela escada que tem lá, aquilo é obra de preto, trabalhavam melhor do qualquer marceneiro de hoje em dia, nunca acaba o serviço deles... já estou mais de 60 anos, quando cheguei aqui só tava a metade da casa, mas já fazia não sei lá quantos anos... nem o engenho tava mais... mas lá ainda tinha um forno cheio de tijolo... disque tinha 25 milheiro de tijolo no forno... nós tirava muito tijolo... o esteio da casa... tinha um cara que morava lá, tinha vez que ele estava enrascado... agarrava e arrancava o esteio assim da casa... dava nove flechar de vinte e cinco palmos... não era altos e baixo, mas ela tinha um altura assim o assoalho... alto... muito o assoalho... em cima era grandona, embaixo disque era os pretos moravam, era tudo dividido lá embaixo... parece um edifício... tudo de compartimento... morava muita gente lá embaixo... em cima morava disque os brancos, né... era bonita a casa em cima naquele tempo... capú e pau amarelo... era tudo machiada... aquilo era uma beleza, mas por baixo tinha quatro dedo de grossura... os esteio acho que vai dá assim... um esteio dava nove flechar... flechar bonito da grossura desse aí e largura também. (Seu Esmaelino, 86 anos, Comunidade Itancoãzinho).

Outro entrevistado, Seu **Raimundo Cordeiro**, de 88 anos, da comunidade de Santa Quitéria destaca também ter chegado a ver a casa: *“A casa eu vi ainda... era altos e baixa...mas era de madeira, né...mas era esteio de acapú...só daqueles...”*. Dona Raimunda Trindade, de 71 anos, da Comunidade de Itacoãzinho falou um pouco das suas lembranças da casa-grande, lembrando que a casa era de barro e o chão da mesma era tão alto que as pessoas passavam por baixo: *“Era tudinho barriada, tudinho de cima até embaixo... mas olha pra você ver que era tão alto que passava caminho...passava a estrada por baixo...ia embora lá pra beira da água.”* Foram poucos os entrevistados que disseram que chegaram a ver a casa-grande.

No âmbito da história da presença dos escravos, nos foi relatado pela maioria dos entrevistados que no local onde se encontravam as ruínas apareciam muitas visagens.



O IMAGINÁRIO POPULAR

Sabe-se que tanto na região do Baixo Acará como em outras localidades da Amazônia, é muito comum o conto de histórias sobre visagens e assombrações vistas pelos moradores e reproduzidas por seus ancestrais, considerado muito presente no imaginário popular. Essas histórias trazem elementos peculiares que identificam a

mentalidade dos sujeitos e combinam significados variados sobre as representações sociais que os indivíduos constroem acerca do seu território.

Nas comunidades de Santa Quitéria e Itacoãzinho não é diferente. Os interlocutores trouxeram histórias contadas e recontadas por seus antepassados e que mostram muito acerca do pensamento e das experiências vividas e sentidas pelos moradores, substanciando as percepções dos sujeitos no processo de vivência. A respeito desta prática, a entrevistada Jéssica comenta:

[...] A gente tava até conversando sobre isso... olha, eu conheço muitas histórias (risos). Eu não presenciei muito, mas o que me contam, graças a Deus né, que eu ando sozinha tudo isso aqui à noite (risos). A gente tava conversando um dia desses sobre isso, aí um contou história aqui, outro ali... Aí foi falado lá que no Jenipaúba, uma comunidade aqui próxima, que eles foram fazer uma escavação pra criação de peixe. Só que quando eles começaram, cavaram até uma certa parte do barro, começou a sair um líquido com odor de sangue e a cor de sangue. Eu só sei que o seu Caboclo, avô dele, sabe quem é? Ele mandou parar porque não era pra ter mexido sem pedir permissão, porque a gente acredita aqui que tudo tem dono, tem mãe, tem pai. Aí foi que eles contaram essa história e eu tava falando com o meu pai né, meu pai todo mundo aqui vê que ele sai daqui pra ir nos igarapés pra pescar e quando ele vai sempre vem com bastante peixe. Aí um dia um tio meu perguntou: 'Sim, Chico, eu fui pescar e não peguei nenhum peixe. Como é que tu vai, pega e traz tudo isso?'. Aí ele disse: 'É... porque vocês já chegam metendo logo a mão e não pode, tem que pedir permissão antes'... E tem muitas histórias, de matinta perera, já teve história de lobisomem - que não chegaram a ver, mas sentiram uma coisa grande, antes de ter essa escola aqui, que era uma área bem fechada aqui, tudo escuro. À noite era bem perigoso andar por aqui, todo mundo via tudo. Eu nunca vi, mas muita gente via (risos). Tem muita história dos meus tios, do meu pai, dos meus avós... eles contam. Agora já não tem tanto. Eu acredito que exista matinta perera porque a gente escuta o assovio. A gente escuta e não vê ninguém. Alguma coisa tem né (risos). E antigamente, logo quando o pessoal começou a morar aqui, havia muita história de grito. Grito de sofrimento mesmo porque a área aqui era uma área de muito sofrimento. Os escravos foram muito maltratados aqui, tem muito sangue aqui nessa área (Entrevista realizada dia 23/11/2019).

Em Santa Quitéria e Itacoãzinho muitas das histórias relacionadas às visagens e assombrações surgiram do tempo da escravidão, período em que houve muita dor e sofrimento sentidos pelas pessoas negras escravizadas, traduzidas nas crenças de que

muitas delas não conseguiram se libertar do plano terrestre, permanecendo aqui como "almas penadas". Seu **Esmaelino Pinheiro dos Santos**, 86 anos, ao ser indagado se conhecia alguma história sobre visagens e assombrações, compartilhou conosco:

[...] Era um pobre que tinha na beira do caminho chamavam 'pega-bunda'. Aí quando o cara passava seis da tarde, ele dava na bunda dele. Aí o cara levantava, rasgava e ele ficava lá. Aí foi foi... Mas apanhava muita gente... E era verdade isso. Se eu viesse seis horas de casa davam porrada na gente. Diz que era preto da escravidão... mataram ele lá e ele fazia visagem lá. E lá aparecia, era um pretão, aí dava palmada no cara e quando ele olhava pra trás, olha o pretão que tinha (risos)... Aí o cara corria. Aí ele ficava no esteio onde era pra fazer a casa lá, e esses preto ficava pra carregar um esteio daquele, já pensou? Um esteio daquele que dava nove flecha. Como é que o cristão ia carregar? E eles carregavam... aí quando foi um dia, ele não conseguiu e o esteio caiu em cima dele e matou ele. Aí ficou fazendo visagem. (Entrevistado dia 22/11/2019).





Ao questionarmos com o senhor Manoel João da Conceição dos Santos – o seu Caboco, de 92 anos, morador da região há 42 anos, se ele lembrava de histórias antigas que contavam da região, ele nos respondeu o seguinte:

Entrevista Manoel dos Santos – Caboco
Fonte: INSIDE, Consultoria, 2019.

(risos) tinha... de visagem tinha. Não tem aquela puxadeira ali? Pois é... lá o caminho não era muito fácil, a gente passava por dentro. Chegava lá o pau comia. Atrapalhava e não sabia de quem. Aí levantava e ia embora. Aí foi, foi.... foi o tempo que abriram mais o caminho. Aí quando foi uma vez, o meu genro passou lá e viu uma mulher encostada. Uma mulher tava encostada lá no "uxizeiro" - embaixo da castanheira

Escutava comentário sim (tempo da escravidão). Quando dava duas horas da madrugada dava barulho de pé e ia embora até lá na mangueira. Quando era umas quatro horas da madrugada voltava de novo, aí passava pra aí... Mas nesse tempo naquela casa de Itacoãzinho, foram lá? Pois é... matavam muito por lá. Preto nesse tempo não tinha regalia... matavam, enterravam por lá. Quando chegamos ainda tinha metade daquela casa-grande lá. (Entrevistado em 21/112019).



Dona Raimunda Trindade contou que, quando criança, ela e sua família chegaram a morar numa parte da casa que ainda existia e relatou algumas histórias sobre visagens.

Entrevista com a Dona Raimunda
Fonte: INSIDE, Consultoria, 2019.

O pessoal falava que fazia visagem... disque que andavam... a minha mãe mesmo falava... ela disse que quando nós viemos morar aí, uma casa ali... que tinha assim... passavam por debaixo... aí andavam, aí falavam, aí batiam... tudo ela via... disque ela via, eu não cheguei a ver... não deu pra mim alcançar... ela dizia que lá debaixo... porque o assoalho era assim alto... assim debaixo tinha um buraco, um buraco grande... disque que lá tinha um bocado de espeto assim... quando eles pegavam os pretos eles empurravam lá... pronto de lá já era... minha mãe dizia que não via mais... não ouvia nem grito porque caia ali pra dentro [...] muita visagem, eles falavam, né... eu tô no que ela falava, né... ela dizia: 'Ah, fazia visagem' - sei que assim, que a parede era barriada né, esta casa... o cara ia caindo disque ficava a marca do sangue... matavam de sangue frio disque. (Dona Raimunda, 71 anos, Comunidade Itacoãzinho).

A fala de Dona Raimunda faz parte das lembranças do que sua mãe falava, pois ela era muito pequena na época que ainda existia uma parte da casa-grande. Dona Raimunda destaca em sua fala a coragem de sua mãe em relação às visagens: "A minha mãe via (visagem) ela dizia que não tinha medo não... minha mãe era uma preta corajosa".



Abaixo temos ainda a fala de **Seu Caboclo e Dona Jurema da Silva.**

Entrevista com a Dona Jurema.
Fonte: INSIDE, Consultoria, 2019.

Diz o pessoal que fazia visagem pra lá... porque era... quando eu cheguei pra cá ainda tinha uma casa-grande lá... que era do tempo dos pretos... dos senhores... ainda tinha esta casa-grande... disque fazia. (Seu Caboclo, 92 anos, Comunidade Santa Quitéria).

Olha, a minha mãe sempre falava com o meu pai que fazia muita visagem pra'í... que passava meio dia, a gente não podia mais passar no caminho que era visagem... que os pretos da escravatura ia levar a gente [...] sempre eles falavam que tinha um batuque pra lá - 'olha, vocês estão escutando' - na realidade a gente escutava... não sei se era coisa da nossa mente, porque a gente era muito criança, né... a gente escutava batuque pra lá pra casa da ruína, né... aí a gente ficava morrendo de medo, a gente vinha logo embora... não sei se era imaginação de criança, que eles sempre metiam medo pra gente - 'olha não vão pra'í, que pra'í morreu os pretos da escravidão, não vão pra'í que eles vão puxar vocês pra'í' - aí a gente tinha um pouco de medo de tá lá... a gente não ia muito pra lá... a gente ficava mesmo na calha tomando banho. (Dona Jurema, 45 anos, Comunidade Itacoãzinho).



O relato da Dona **Jurema** sobre as falas dos pais em relação às ruínas, nos remete ao Seu **Nilton do Nascimento**, que relatou que os pais não deixavam ele ir para as ruínas.

Entrevista com Seu Nilton.
Fonte: INSIDE, Consultoria, 2019.

Eu ouvi falar muito do sumidouro... só que eu não cheguei a ver... a minha mãe mesmo falou... diziam pra ela que tinha o sumidouro lá, a minha mãe dizia - 'Olha, não vão lá pra calha' - nós era molequinho, dia de domingo não tinha diversão nenhuma por aqui... dia de domingo a gente ia lá pra casa do Seu Esmaelino... todo domingo nós ia brincar bola... na frente da casa dele tinha um terreiro era só areia, que lá é só areia... a gente jogava bola lá... a gente ia daqui uns seis ou oito... tudo de oito, nove a dez anos nós ia todo o domingo pra lá, todo domingo a gente ia pra lá, passava o dia lá... não tinha diversão pra nós, pai e mãe num deixavam a gente sair pra outros lugares, aí ela dizia: - 'Olha, vocês vão passar lá pra calha, num vão pra aquela área assim que pra lá tem o sumidor' - aí ela falava isso e a gente ficava com aquilo na cabeça, aí passava um pro outro - 'Olha não vai pra lá, porque pra lá tem o sumidor' - ninguém ia pr'aquela parte assim onde tem umas mangueiras grandes assim, pra lá... mas só que depois quando eu cresci eu foi pra lá ver, mas não vi nada de sumidouro mais... aí diziam que era lá nessa casa... esta casa tinha quatro parede de pé, diziam que era lá o sumidouro... eu vi aquela paredes lá em pé, como eu falei, aquela mão de sangue lá... mas eu olhei lá tava raso, nada de buraco, não tinha nada (Seu Nilton, 43 anos, Comunidade Itacoãzinho).

O buraco o qual seria o sumidor, segundo alguns entrevistados, foi tapado com o tempo, pois era arriscado para as crianças que poderiam cair ali, então os moradores foram tapando o buraco com o passar dos anos.

Outras histórias de visagens como a “velha do ramal” fazem parte dos casos que identificamos ao longo da pesquisa. Dona Joana da Conceição nos relatou: *“Eu já ouvi falar (a velha do ramal) que o menino ali já até enxergou.. .o Claudinho... ele já viu... .foi aí nesse caminho”*. Dona Joana também nos contou das aparições de visagens que seu cunhado falava que via.

Entrevista com a Dona Joana.
Fonte: INSIDE, Consultoria, 2019.



O meu cunhado contava muito... Deus o livre, porque ele não tinha medo... ele ia assim pro mato que ele gostava de caçar assim, era de noite, era de dia... era... esse que era o dono desse São Jorge... olha, uma vez ele foi... é um igarapé que tem pra banda daí, pra dentro, né... ele convidou um homem (amigo) - ‘Bora pesca’ - que só dá peixe, né - ‘Bora pescar de noite’ - aí, ele foi... umas horas vem latindo um cachorro e um homem vem mandando, aticando o cachorro, aí ele pegou e disse - ‘Olha, bora sair daqui que o homem vem passar aqui’ - aí, ele (amigo) disse - ‘Como que nós vamos fazer?’ - ‘Bora mais pra trás’ - aí, eles foram mais pra trás... quando eles viram o latido do cachorro e o mandado do homem, passou lá donde eles estavam... sumiu, disque foi embora... era visagem, né... era, era... ele ouvia muita coisa quando ele ia caçar assim... olha, uma vez ele foi assim... ele cortava peixe assim de noite, né... um igarapé que tem pra banda dali, o pessoal já nem coisam quase... ele cortou sete peixe... aí aquela voz respondeu pra ele - ‘Ainda não chega?’ - assim mesmo ele respondeu, ele disse: - ‘Se chegasse eu já tinha ido me embora’ - e ele não viu ninguém... só escutou aquela voz. (Dona Joana, 70 anos, Comunidade Santa Quitéria).

Além das histórias de visagens e assombrações nas ruínas, as lendas sobre a matinta perera, curupira, iara e lobisomem também foram identificadas ao longo das entrevistas. Como podemos encontrar nos relatos a seguir.

Aqui a gente ouve sim... escuto... olha, na semana de finados agora, ela até dobrou... no final assim ela diz matinta perera... ela assobia duas vezes e aí no final ela diz matinta perera... aí, de manhã eu amanheci comentando com eles - ‘Vocês não escutaram, não?’ - ‘Não, nós não escutemos’ - mas eu ouvir dizer, os antigos falavam que assim é a pessoa que já morreu... tem a matinta perera viva e tem a que já morreu, é a que diz assim (Dona Joana, 70 anos, Comunidade Santa Quitéria).

Esses dois tipos de matinta perera comentados por Dona Joana também foram identificados em outras entrevistas, como nos relatos de Dona Idelbrandina da Conceição, mais conhecida como Dona Dica, assim como nos de Dona Esmeralda de Farias, Eulália da Conceição e Raimunda. A matinta perera viva é uma pessoa do local que carrega a maldição de se “transformar” à noite nesta lendária mulher que assombra os moradores e pode ser qualquer pessoa da comunidade.



Entrevista com a Dona Esmeralda e Seu Ademir.
Fonte: INSIDE, Consultoria, 2019.

Dona Esmeralda, de 74 anos, disse que chegou a ver a matinta perera, conta que acordou na madrugada com o barulho do assobio e ficou em alerta; quando olhou para a rede do esposo, que estava dormindo, viu alguém perto da mesma, a qual ela atribui como sendo a matinta perera. Dona Esmeralda ficou quieta e não demorou muito a pessoa que estava perto da rede do marido sumiu. Dona Esmeralda relatou que conhecia esta pessoa e neste dia soube que ela se “transformava” nesta lendária figura e atribui a aparição da mesma perto da rede do marido porque ele costumava “perturbar” muito esta pessoa.

Já o outro tipo de matinta perera, na explicação dos entrevistados, é alguém que já morreu, seria um espírito que assombra com seu assobio agudo as pessoas. Este tipo de matinta perera seria a que no terceiro assobio que dá, como disseram os entrevistados, “dobra”, dizendo a frase “Viti, matinta perera”, conforme descrito no relato abaixo

Não faz muita semana a matinta perera assobiou lá na casa dela (irmã)... a matinta perera assobiou na casa dela três vezes em seguida... no último apito ela virou ela... ela assobiou: “Viti, matinta perera”, ela conta... ela escutou na casa dela... não faz muito dias (Dona Dica, 74 anos, Comunidade Santa Quitéria).

O curupira também foi bem comentado nas entrevistas e sempre nas falas dos homens, pois são eles que costumam andar mais no mato, principalmente para caçar.

Ah, curupira tem... tem porque pra cá eu me perdi uma vez pra cá, ela faz tu te perder... eu falo porque eu me perdi, eu nasci e me criei nesta ilha aí... eu me perdi, eu e mais dois primos meus, fomos caçar porco... aí, fomo por aqui pedir permissão pra minha tia... vamos pegar... atravessar a ilha, lá pro mato do vizinho, na costa da ilha, né - 'tá meu filho' - ela falou... a mãe de Santo... ela disse: 'Olha, mas cuidado que pra'í tem uma curupira que ela é meia brava' - Neste tempo eu tava no negócio de desenvolvimento médium eu... aí, bora, cada um com uma espingarda, terçado... descemos e fomos embora... esta área nos conhecemos tudinho aqui, nos nasceu e se criemos aí... esta área aqui da frente nos conhece tudinho como a palma da nossa mão...aí tá, eu falei o porco tá lá pro Benedito, na costa da ilha... fomos pra lá... varemos pra lá, pra ir foi uma beleza... pra vim, ao vez nós vim pelo mesmo caminho que, no caso, faz uma curvazinha maior pra chegar pra cá, não, eles queriam vim direto pra chegar já no nosso terreno e não passar no terreno dela... este foi o nosso erro, era umas nove e meia da manhã, nos se perdemos... nos vimos um rastinho de criança assim no meio do igapó aí... e haja nós gritar, gritar... égua, já começou dá um suor frio, frio, aquele suor frio... eu chamei eles dois: - 'Olha nos tamo perdido' - eu falei - 'Mais quando rapaz, como é que vamo nos perder, nos nasceu e se criamos nesta ilha' - eles falaram - 'Não, sai da frente que tu não sabe' - o meu primo mais forte... Gagaio passou na frente... andamo, andamo, andamo... nós varáramo no mesmo lugar... outro primo meu, Lucivaldo que era dono do porco que fomo caçar - 'Não, vou passar na frente, vocês não sabem' - passou na frente... nós andamo, andamo, andamo... isso já era duas horas da tarde... eu tava azul de fome... rapaz nós andemo... daqui nós perdemos neste rumo, nos fomo se achar... na cabeceira deste tal Maracujazinho que chamam, que é outro rio que faz divisa com o pai desde Gagaio, o terreno, né... cinco horas da tarde nós se achamos lá... que dizem, dizem não, é verdade... quando a curupira faz tu de perder no mato, tu tem que tirar um cipó, faz uma rudinha... vai enrolando o cipó e vai rezando, vai enrolando, enrolando e no finalzinho da ponta do cipó, tu esconde a pontinha do cipó dentro da rudinha e pode deixar pendurado aqui... ela fica entretida procurando a ponta é quando tu acha o caminho de volta... ela se entreti... isso é verdade... aí, ele falou: - 'Ei rapaz, faz aquele negócio do cipó, aí' - aí eu fui fazer, arranquei o cipó tudinho... nós varemos cinco vez só no pé do mesmo pau... pra nós tava indo pra frente, mas nós só tava andando em círculo nós... aí, quando eu fiz a rudinha do cipó, eu deixei no toco lá... este meu primo Gagaio falou assim: 'Vai na frente, vai na frente e não olha pra trás' - andemos cem metros, ele olhou pra cima e disse: 'E rapaz, para aí... nós tamo no final do nosso mato' - ele falou - 'Do meu mato, do mato do papai' - nos tava andando dentro do mato do terreno dele e ele não tava reconhecendo [...] cheguei aqui em casa morto de cansado... ia dar seis horas da tarde... passei o dia inteiro perdido neste mato aí... aí, no outro dia voltamos pra caçar de novo... aí foi que eu falei pra minha tia, olha tia Luzia nós se perdemo - 'Eu não falei, meu filho, esta curupira daí ela é brava... ela já fez eu me perder aí nesse mato' - ela falou (Seu Nilton, 43 anos, Comunidade Itacoãzinho).

A Iara foi outra lenda identificada nos relatos dos moradores, como podemos identificar na fala de Dona Raimunda quando conta que seu filho supostamente tenha visto uma mulher tomando banho na beira do rio.

Ele (filho) foi tomar um banho... não tem aquele igarapé lá? Aí, vem aqui em cima... um dia ele ia pra lá tomar um banho... disque chegou lá tinha uma mulher sentada se jogando água... aí, ele voltou, disse: 'Ah, fulana tá tomando banho... mãe' - não sei qual era a minha daqui... ah, era a Jéssica... aí teve, teve, teve e aí foi olhar - 'Mas a Jéssica tá ali' - não era ela, disque era a Iara que tava tomando banho... era ela que tava tomando banho... tava na hora dela, né. (Dona Raimunda, 71 anos, Comunidade Itacoãzinho).

Outra lenda que podemos identificar foi a do lobisomem, que Seu Esmaelino dos Santos conta que apareceu para um dos seus filhos.

Entrevista com o Seu Esmaelino.
Fonte: INSIDE, Consultoria, 2019.



Aqui dante... que dizer eu nunca vi, mas meus filhos viram... quando vinha dali da beira passando daquele campo pra cá vinha andando um bocado... assim das seis horas em diante quando via saía um porco abeirando o caminho... pra querer pegar o cara que vinha no caminho, né... aí, o cara às vez danava a correr... aí ele por dentro do mato, roncando bravo... aqui meus filhos dante não eram... nenhum tinha medo... aí, o Grande (filho) veio de lá da beira neste dia este bicho acompanhou ele... ele veio, que quando eu vi... ele chegou aqui entrando e aí correu, e aí: 'O que é rapaz?' - 'Me acuda, eu vou matar este bicho que vem atrás de mim' - ficou bem ali ele pegou a espingarda... - 'Larga isso, que espingarda que tu vais atrás de bicho' - 'Pai ele ficou ali' - aí, nos fomos pra lá, mas não vimos mais... mas veio acompanhando até aí no terreiro... era lobisomem disque. (Seu Esmaelino, 86 anos, Comunidade Itacoãzinho).



O folclore amazônico tem nas suas lendas uma parcela de sua riqueza, pois elas fazem parte do imaginário da população amazônica e com isso fazem parte da cultura imaterial desse povo.

As histórias sobre visagens, assombrações e lendas ainda transitam pelo imaginário dos moradores, apesar de relatarem que pouco se ouve o assobio da matinta perera e demais aparições nas localidades.

Diante das narrativas compartilhadas pelos moradores da comunidade e da relação entre seres vivos e seres imaginados, percebe-se que as pessoas que vivem na localidade acreditam nessas histórias, vivenciam essas crenças em seus cotidianos e ratificam construções sociais que direcionam suas trajetórias, individuais e coletivas, e preenchem suas vivências por meio da reprodução destes modos de pensamento.

SABERES PRÁTICAS E MANIFESTAÇÕES POPULARES

De acordo com o **Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000**, o patrimônio cultural imaterial constitui-se do registro dos saberes, celebrações, formas de expressões e lugares que reproduzem práticas culturais coletivas. A identificação e registro destes bens culturais são de grande importância para a nossa sociedade como seres culturais que somos.

Os conhecimentos tradicionais que envolvem o saber-fazer de práticas e costumes que são transmitidos de geração a geração foram identificados ao longo da pesquisa.



A Farinha



A farinha ocupa um lugar de destaque dentre os vários saberes dessas comunidades, pois além de ser uma prática que requer todo um processo peculiar de produção é um alimento básico das populações locais.

A farinha é produzida nos chamados retiros pelos moradores que em geral vão à roça para fazer a colheita da mandioca. A partir daí se inicia um particular processo de produção, em que a mandioca é descascada, lavada e colocada de molho na água para depois ser ralada, prensada no tipiti, peneirada e torrada em grandes fornos movidos a lenha.

Dona Célia tem uma fala bem significativa em relação a aprender fazer a farinha quando diz para os filhos: “*Aprendam ao menos para o gasto da casa*”. A farinha é alimento culturalmente consumido nas comunidades e traz renda para as famílias de produtores, pois alguns também comercializam a farinha, que é vendida na localidade mesmo ou/e em Belém.

A farinha de mandioca artesanalmente produzida nestas comunidades tem importância cultural e econômica para estas populações. Identificar este conhecimento tradicional possibilitou perceber que o mesmo é parte dos patrimônios culturais das comunidades estudadas.



Na imagem superior temos Seu Chico no retiro e abaixo Dona Célia nos mostrando a etapa do processo de produção da farinha em que a mandioca fica de molho.

Fonte: INSIDE, Consultoria, 2019.

O Chocolate Artesanal

Nosso primeiro contato com o chocolate artesanal foi na loja da Dona Vera Lúcia Bentes, de 59 anos, que tem essa loja ao lado do porto da cidade de Boa Vista. Dona Vera vende o chocolate 95% e 100% de puro cacau, as amêndoas de cacau e os nibs. Seus produtos não possuem lactose, açúcar ou conservantes.



Dona Vera com os chocolates artesanais que produz.

Fonte: INSIDE, Consultoria, 2019.

O conhecimento sobre o chocolate artesanal também foi identificado nas entrevistas realizadas em Santa Quitéria e Itacoãzinho. A maioria dos que lembraram disse que chegou a ver suas mães fazendo, mas que eles próprios não chegaram a fazer. Dona Raimunda lembra que sua mãe esperava o cacau ficar bem amarelo para coletar, depois colocava no sol as amêndoas de cacau e deixava secar, em seguida colocava no fogo para torrar, tirava do fogo e aguardava esfriar, socava as amêndoas no pilão até que elas se transformassem em um líquido e deixava passar dias secando este até ficar duro. Depois sua mãe ralava o mesmo e daí estava pronto um chocolate líquido que Dona Raimunda saudosamente lembra que tomava com farinha.

O chocolate foi bastante produzido nessas comunidades, pela geração anterior a que entrevistamos, e está presente nas memórias dos moradores. Hoje, este chocolate está ganhando visibilidade por meio da marca “Vera Chocolate” que produz o chocolate artesanal visando principalmente o turismo na região, pois o estabelecimento de Dona Vera é porta de entrada na cidade para receber gente que vem à comunidade de Boa Vista e localidades próximas como as que realizamos a pesquisa.

O Rabuçado

O rabuçado trata-se de um bombom que tem na sua essência o gengibre. Identificamos este bombom com Dona Odinir de Souza, de 62 anos, mais conhecida como Odir, que mora na comunidade de Boa Vista.

A venda do rabuçado tradicionalmente é realizada no dia dos finados e antes era produzido pela mãe de Dona Odir, mas após a ausência da mãe ela passou a carregar a tradição de vender o doce no dia dos finados, pois suas irmãs não aprenderam a fazer o rabuçado. Dona Odir diz não saber como surgiu o costume de vender o rabuçado neste dia, apenas herdou esta prática da mãe. O fato é que a tradição da venda do doce é no dia 2 de novembro.



Entrevista com Dona Odir e a baixo o rabuçado.

Fonte: INSIDE, Consultoria, 2019.

Dona Odir também enfatizou que faz o rabuçado para uso doméstico, pois é bom para garganta e gases. Neste caso, ela consome a massa do doce, ou seja, não chega a moldar em formato de bombom.

A tradição de fazer o bombom tende a passar para outra geração, pois, segundo Dona Odir, uma filha sua já começou a fazer o rabuçado com ela.



A arte de tecer

Durante a pesquisa, conhecemos Seu Elias, Dona Ilma, Dona Joana e Dona Socorro que nos mostraram um pouco do trabalho que possuem com a tecelagem.

Encontramos Seu Elias da Silva, de 65 anos, no quintal de sua casa tecendo a chamada rasa, que é uma espécie de cesto em que o açaí *in natura* é colocado. As rasas são tradicionalmente produzidas de tala de guarumã. O guarumã é uma planta amazônica usada pelos indígenas e ribeirinhos para confecção de diversos artesanatos. Há dois tipos desta planta, uma é chamada de guarumã-açu e a outra de guarumã-mirim. De acordo com os entrevistados, o guarumã-mirim resiste mais do que o guarumã-açu, porém, as talas dessa planta vêm sendo substituídas por fibras de plástico que, segundo Seu Elias e demais entrevistados, duram e resistem mais que as talas, já que o fundo da rasa precisa ser mais resistente para suportar o peso do açaí e de outros produtos. Apesar da utilização das talas ser algo tradicional, elas são mais fáceis de rasgar na parte do fundo da rasa.

Todos os entrevistados disseram que o trabalho de tecer é em geral muito minucioso e requer várias horas numa mesma posição trabalhando para terminar um objeto. Seu Elias, Dona Ilma, Socorro e Joana aprenderam este ofício com os pais, mas por justamente ser um trabalho cansativo, os artesãos relataram que os filhos no geral não têm muito interesse em aprender. Na família de Dona Ilma há uma irmã dela que faz este tipo de trabalho, na da Dona Socorro e na da Dona Joana uma das filhas já aprenderam a fazer o tipiti.

Os objetos produzidos por uma cultura podem dizer muito sobre ela, logo, identificar a produção desses artesanatos tão característicos do cotidiano local é perceber a riqueza do patrimônio cultural das comunidades estudadas.



Seu Elias tecendo uma rasa, no fundo da rasa ele está utilizando a fibra de plástico, porém, do meio para cima já utiliza algumas talas, proporcionando assim uma bela estética ao objeto. Logo, o artesão agrega o moderno e o tradicional na confecção da rasa.



Ilma Maciel, de 56 anos, com as rasas e abanadores que produz.



Socorro Cardoso, de 55 anos, explicando como tece os objetos.



Joana dos Santos, de 57 anos, tecendo o tipiti.

As festividades dos Santos

As festividades de Santos, como fenômeno cultural, também foram identificadas em nosso trabalho junto às comunidades de Santa Quitéria e Itacoázinho.

Em Santa Quitéria identificamos a festividade de Nossa Senhora das Graças que era festejada pela devota Antônia Helena, mais conhecida como Helena, avó do presidente da comunidade. A festividade não ocorre há cinco anos, mas é muito lembrada e conhecida pelos moradores. A festividade

de Nossa Senhora das Graças era realizada no local que os moradores chamam de Mangueira. Lá fica a casa de Dona Helena, um barracão, com uma estrutura que parece servir de local para distribuição de comidas e bebidas e ainda há o campo de futebol do Mangueira que é considerado o maior campo de futebol do Baixo Acará. No local ainda fica a casa de Dona Ilma, nora da senhora Helena, que conversou conosco e mostrou o local.



Ilma segurando a imagem de Nossa Senhora das Graças.



Imagens de diversos Santos

Dona Ilma relatou que a senhora Helena começou fazendo as novenas para a Santa na casa onde morava e só depois passou a realizar a festividade no local. Nas vésperas da festividade, que ocorria em novembro, eram realizadas novenas e após cada novena, que geralmente era oferecida por uma família, havia a realização de um bingo e o dinheiro arrecadado com esse bingo era repassado para a diretoria da festa que utilizava o dinheiro para fazer as comidas típicas que eram oferecidas durante a festa e para as compras dos fogos de artifícios. Tanto nas falas de Dona Ilma, Clodoaldo, Dona Dica e demais entrevistados percebemos certo saudosismo em relação à festividade de Nossa Senhora das Graças.

Fonte: INSIDE, Consultoria, 2019.

Outra festividade é a da Nossa Senhora de Nazaré que ocorre no terceiro domingo de outubro, depois do levantamento dos mastros, no sábado à tarde, a Santa sai da capela de Nossa Senhora de Nazaré em transladação, como mencionado por Dona Dica, para o Mangureira e retorna no domingo de manhã em procissão. Depois que a Santa chega à capela ocorre a missa que é realizada por um padre que vem de Belém. Após a missa ocorre o almoço na comunidade, algumas comidas são doadas pela diretoria da festa e outras são vendidas, depois do almoço tem um bingo e assim transcorre o festejo.

Um dado interessante relatado por Dona Dica é que os mastros antigamente eram enfeitados mais com frutas como laranja, pupunha, açaí e demais frutas da região, mas atualmente as pessoas colocam produtos industrializados (salgados, doces ou biscoitos), enlatados (como lata de sardinha) e garrafas de refrigerantes. Nota-se uma mudança dos hábitos ao se “enfeitar” os mastros com esses objetos, demonstrando, assim, como a cultura é dinâmica. Os mastros são derrubados na segunda-feira de manhã.

Em Itacoãzinho foi identificada a Festividade de São Tomé que é celebrada há 50 anos por Seu Esmaelino, criador da festa. A festividade acontece no dia 21 de dezembro. Seu Esmaelino relatou que fez uma promessa para São Tomé afastar as saúvas (conhecidas como formigas-cortadeiras) que estavam acabando com sua roça e em troca prometeu a São Tomé que iria fazer um altar para o Santo e mandar rezar para ele, com três dias seu pedido a São Tomé foi atendido e a partir daí começou a realizar a festa.

Seu Esmaelino nos mostrou o altar ou oratório que tem em sua casa para rezar e demonstrar toda a sua devoção a São Tomé. Seu altar é caprichosamente cuidado e enfeitado com pano de chita e vasos com flores. Na frente tem-se um púlpito pequeno de madeira que parece ser bem antigo e em cima dela há um pequeno castiçal.

Dona Dica na frente da Capela

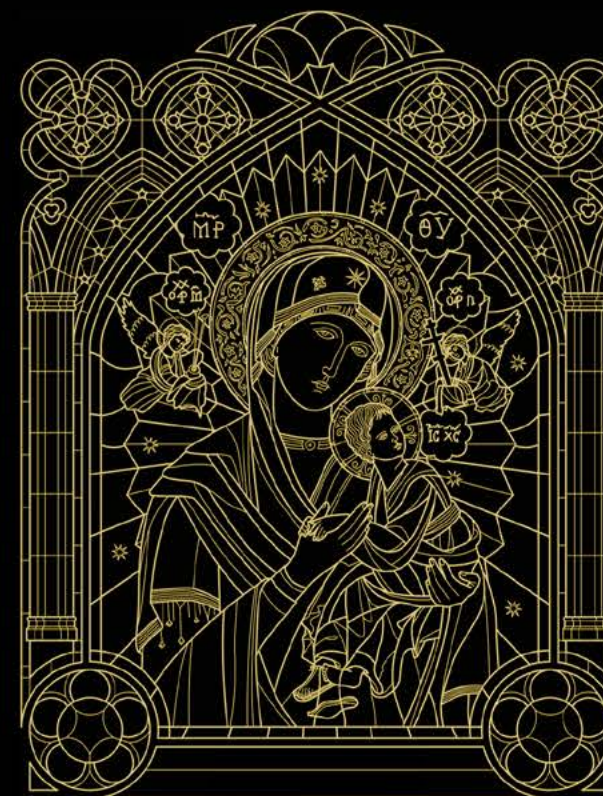


Altar de São Tomé na casa do Seu Esmaelino.



A Capela e o barracão ao lado.

O
MASTRO



Outra festividade bem conhecida no local é a de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que ocorre na comunidade do Maracujá no mês de setembro. Esta comunidade fica bem de frente para o Itacoãzinho, da beira do rio que separa as duas comunidades é possível ver a igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e o barracão onde ocorre o festejo. Os moradores tanto da comunidade do Itacoãzinho como de Santa Quitéria citaram essa festividade como uma das mais conhecidas no local.

Há uma festividade bem recente em Itacoãzinho que é realizada pelo Seu Nilton no mês de maio. Este senhor é devoto de Santa Rita de Cássia e há três anos realiza essa festividade em sua casa que fica na beira do rio. Seu Nilton relatou que herdou esta devoção pela Santa Rita de Cássia da mãe, que fazia a festividade na Ilha do Maracujá, comunidade onde morava. A festividade segue os mesmos rituais das festividades anteriores como a realização de novena, bingo, missa e levantamento e derrubada dos mastros.

Em Itacoãzinho há uma Seara que é um templo religioso de matriz afrodescendente ou afro-brasileira, os responsáveis pela Seara faziam com frequência quatro festejos no



Sítio São Tomé, local onde a festividade do santo é realizada.



Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e o barracão da Santa.



Área em frente à casa de Seu Nilton, onde é realizada a festividade para Santa Rita.

local. Em contato com os três responsáveis atualmente pela Seara, soubemos que as festividades eram de São José, São Miguel, São Jorge e Cosme e Damião. Eles pararam de fazer os festejos devido às condições da Seara, pois a mesma precisa passar por uma boa reforma para poder abrir as portas para as festividades, já que muitas pessoas, segundo seus responsáveis, compareciam aos eventos. Essas festividades na Seara também foram citadas pelos moradores que foram entrevistados ao longo da pesquisa.

Diante dessas manifestações culturais que são as festividades foi possível identificar mais uma característica dessas populações no que diz respeito aos seus patrimônios culturais imateriais.



A medicina popular

Sendo o conhecimento popular característico por possuir uma riqueza de saberes e práticas, não foi difícil identificar a medicina popular nas comunidades pesquisadas. A medicina popular por muitos anos serviu de meio paliativo para os males de populações longe dos centros urbanos.

Dentro desse contexto, figuras bastante citadas ao longo das entrevistas foram as parteiras, pois eram elas que atendiam as mulheres quando iam ter seus filhos antigamente. Dona Joana, de 70 anos, contou que a sua sogra, chamada Zulmira, foi uma das parteiras na comunidade e foi com ela que aprendeu a partejar também. Dona Joana já fez 11 partos, mas relatou que hoje em dia as mulheres procuram mais a cidade, pois com a utilização de barcos e voadeiras movidos a motor o tempo de duração da viagem da comunidade até Belém se tornou bem menor

do que antigamente, quando o meio de locomoção dos moradores eram canoas a remo. As parteiras, segundo as entrevistadas como Dona Eulália, de 63 anos, eram bem presentes na comunidade, sua sogra Odília também era uma das parteiras que atendiam as mulheres na localidade. Já Dona Benedita, de 54 anos, relatou que sua mãe, chamada Lucimar, também era parteira e dos dez filhos que teve oito foram partejados por sua mãe e apenas dois foi ter em Belém.

Seu Renildo dos Santos, de 43 anos, relatou que sua avó era parteira e além de partejar sabia puxar desmentidura (luxação ou torcedura), benzer e tinha conhecimento sobre remédios caseiros. Esses saberes e práticas fazem parte da tradição popular de atender as pessoas em suas dores e males, como podemos verificar na fala de Seu Renildo

Porque tem pessoas que não recebe o guia, mas tem aquele dom de ensinar negócio de remédio ou benzer... porque a mãe do meu pai ela não recebia, ela tinha, mas não recebia guia, mas ela tinha o dom... ela era parteira... de ensinar remédio pra mulher que tavam gestante, grávida... e ela também benzia... ensinava remédio pra qualquer um... e uma coisa que era muito boa nela, demais até, que ela era parteira e sabia puxar... desmentidura... igual a minha tia aí... desmentidura, negócio de baque assim... que quebrasse ela sabia consertar... fazia remédio pra consertar... assim como a minha tia também... ela só não era negócio de parteira, mas ela sabia puxar, benzer... quebrasse assim um braço assim... fazia remédio e num precisava nem levar pra Belém. (Seu Renildo, 43 anos, Comunidade Itacoãzinho).



Quando Seu Renildo fala da avó e da tia ele traz a memória dos saberes dessas duas mulheres que já são falecidas. Elas eram portadoras dos conhecimentos sobre partejar, benzer, puxar desmentidura e remédios caseiros. A tia citada por Seu Renildo, chamada Dona Luzia, foi uma figura muito importante para os atuais responsáveis pela Seara, Seu Renildo, Nilton e Chico, pois foi ela que os instruiu e os orientou em seus dons espirituais. Os três foram citados pela maioria dos moradores com quem tivemos contato como os portadores dos conhecimentos de benzer, puxar desmentidura e conhecedores de ervas medicinais.

Seu Nilton definiu o seu ato de benzer como um passe espiritual que serve para ajudar na cura da pessoa que sofre de algum mal. Ele enfatizou que é preciso ter certo conhecimento para poder puxar uma desmentidura, pois é preciso saber identificar a junta das pessoas, ou seja, o local de junção de duas partes do corpo ou de dois ou mais ossos, como podemos verificar em sua fala

Puxar é uma luxação... num cai, num bate, num incha... desmente junta, incha, estas coisas aí... tem que puxar e procurar saber onde tá a junta... pra ver como é que tá... se é o nervo, se é o osso... se tem como ajeitar por aí ou se tem que bater uma chapa, um raio x em Belém. (Seu Nilton, 43 anos, Comunidade Itacoãzinho)



Seu Nilton relatou, ainda, que há muita procura das pessoas para puxar desmentidura: *“É difícil não ter uma pessoa pra mim puxar... difícil... tem dia que vem dois, três”*. Ele costuma usar para puxar atualmente um gel que serve para luxação, diz que até tem andiroba, mas costuma usar mais o gel.

Quanto às ervas, os três citaram algumas usadas para banhos, as quais separaram em duas categorias de banhos, os com ervas cheirosas que servem para banhos atrativos que visam trazer coisas boas e os de ervas não cheirosas que servem para banhos de descarrego que tem por finalidade retirar ou afastar coisas ruins, mas além dessa divisão de banhos citaram algumas que servem para dores de cabeça, febre, barriga e algumas servem como calmante, para gordura no fígado e diversas dores.

Outro contato que tivemos foi com Seu Chico, o qual relatou que atribui seus conhecimentos de benzer e conhecer plantas curativas à sua religiosidade. Destacou que ele trabalha na linha religiosa Pena e Maracá (Pajelança Cabocla) e que seus saberes estão voltados para trabalhar com a cura. Junto com Seu Renildo e Nilton, relatou que trabalham ajudando as pessoas que os procuram com alguma doença.



Destacamos abaixo uma fala de Seu Nilton em relação ao Seu Chico e ao trabalho que realizam:

É um dos curandeiros mais velhos que existe aqui no Maracujá...mas também a gente trabalha só nisso, só em cura...só em cura, a gente cura as pessoas... as vez pessoas procuram a gente desenganado dos médicos...a gente vai trabalhar... que a gente conhece remédio medicinais...ervas...a gente vai botando remédio...as vez a gente perde...a vida não é só de vitória, mas a gente tem mais vitória do que derrota, graças a Deus, trabalhando com as pessoas assim. (Seu Nilton, 43 anos, Comunidade Itacoãzinho).

Seu Chico ao lado da planta vim-de-cá-pajé.



Fonte: INSIDE, Consultoria, 2019

Nossos agradecimentos aos moradores entrevistados que nos receberam e compartilharam conosco suas memórias, saberes e práticas culturais. Agradecemos também aos seus familiares pela atenção.

Os três entrevistados ou curandeiros, como se autodenominaram, destacaram que seus conhecimentos são para curar as pessoas. Dentro desta lógica de ajudar o outro, eles não costumam cobrar as pessoas que os procuram, pois dizem que seus dons foram dados por Deus.

Além dos curandeiros com quem conversamos, outros entrevistados como a Dona Dica, Joana, Eulália, Jurema, Benedita, Raimunda e Seu Esmaelino citaram algumas ervas que utilizam para fazer chás para certas dores e demais males.

Os portadores desses conhecimentos populares medicinais, dos atuais até os que os antecederam, e os demais entrevistados que citaram algumas ervas medicinais revelam em suas práticas e saberes mais um patrimônio cultural local.

Um pouco sobre **ARQUEOLOGIA & PATRIMÔNIO**



Geralmente quando as pessoas ouvem a palavra Arqueologia, logo pensam em pirâmides do Egito, caçadores de tesouro, ou até mesmo em fósseis de dinossauros! Contudo, essas percepções não contemplam o que realmente esta área de estudo envolve, e ela ao contrário do que muitos pensam, está bem próxima de nós e não se remete somente ao passado. Na etimologia da palavra, arqueologia significa estudo das coisas antigas. Porém, esta ciência estuda as maneiras de viver dos seres humanos por meio da sua cultura material, isto é, dos vestígios materiais deixados tanto no passado como do presente.

Os bens arqueológicos fazem parte do nosso vasto Patrimônio Cultural. Mas o que é isso? De acordo com a Constituição Brasileira de 1988, patrimônio cultural são todas as formas de expressão, sejam as de natureza material ou imaterial, portadoras de referência à identidade, ação e memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. E a lei 3.924/60 instituiu um regime jurídico próprio para os bens de natureza arqueológica. Os sítios arqueológicos passam a ser considerados bens da união e sua destruição

ou mutilação passam a ser crime contra o patrimônio nacional. Assim, caso alguém da comunidade encontre algum objeto, estrutura, ruína ou qualquer bem que pareça ser antigo e de valor histórico e cultural, assim como arqueológico, ou souber de alguns desses bens que estão sendo destruídos, recomenda-se entrar em contato com a Superintendência do Instituto Histórico e Artístico Nacional – IPHAN no Pará ou nas outras sedes localizadas nas capitais estaduais.



Educação Patrimonial



Na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Nossa Senhora Santana, foi realizada a oficina “Arqueologia e Patrimônio Cultural: conhecer para preservar”, a equipe discutiu acerca da arqueologia e patrimônio cultural, em seguida realizou uma visita aos arredores da escola devido à presença de materiais cerâmicos e históricos, por fim, realizaram a reprodução de um patrimônio cultural por meio de desenho. A oficina contou com a presença do público formado por alunos do 1º ao 5º ano, pois a turma funciona dentro do regime multisseriado.



Educadoras durante a oficina



Educadoras durante a oficina



Educadoras e alunos durante visita à área externa da escola

Já a oficina “Arqueologia e Patrimônio Cultural: representando meus patrimônios com uso da Isogravura”, foi realizada para alguns dos moradores da comunidade, no barracão do Centro Comunitário da Comunidade. Após as explanações teóricas, as oficinas elegeram um patrimônio cultural e estamparam numa bolsa, sendo eleitos os seguintes patrimônios: açai, cacau, rio e a natureza local.



Educadoras e oficinas durante ação na comunidade de Santa Quitéria.

Fonte: INSIDE, Consultoria, 2019.

Durante o processo de mobilização a equipe esteve nas ruínas do antigo engenho do Itacoã e notou o excesso de vegetação na localidade, sendo assim, o arqueólogo Wagner Veiga solicitou que as educadoras contatassem moradores das proximidades para uma limpeza da área. Deste modo, a equipe solicitou a ajuda do presidente da comunidade, o senhor Clodoaldo, para que ele ajudasse na contratação dos mesmos.

Após a contratação de 3 colaboradores, as educadoras decidiram orientar os mesmos acerca dos materiais que poderiam encontrar, atentando-os para o cuidado com os materiais e que, ao encontrar algum artefato, deixassem o mesmo no local em que tal vestígio arqueológico foi encontrado.



Educadoras durante conversa com os colaboradores nas ruínas do antigo engenho.



O programa também desenvolveu ações na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Nossa Senhora do Perpétuo Socorro dos Quilombolas, realizando também a oficina “Arqueologia e Patrimônio Cultural: conhecer para preservar” para os alunos do 3º, 4º e 5º anos (matutino), assim como, para os alunos do 6º ao 9º ano (vespertino), entretanto foi realizada a atividade “Cada clique um registro, cada foto uma história”, apenas para os alunos do 6º ano, que divididos em 2 grupos, dirigiam-se às ruínas do antigo engenho do Itacoã e produziram registros fotográficos dos vestígios existentes.



Grupo 1 durante seus registros fotográficos



Registros fotográficos do grupo 2



A equipe de educação patrimonial também participou da culminância da Semana da Consciência Negra, trazendo a exposição cultural “Conhecendo os vestígios dos nossos antepassados”, apresentada no coreto da escola, a qual continha artefatos arqueológicos, registros fotográficos e exibição de um vídeo com as fotos do resultado da oficina “Cada clique um registro, cada foto uma história” produzida pela educadora Larisse Rosa.



Alunos, professores e moradores locais visitando a exposição cultural no coreto da escola.



A comunidade de Itacoãzinho também recebeu a exposição “Mestre Zenóbio e o Imaginário Amazônico”, composta por bonecos do lendário amazônico, produzidos pelo senhor Zenóbio Gonçalves, mais conhecido como “Mestre Zenóbio”, com 70 anos de idade, que há 43 se dedica à arte de produzir fantasias de animais. Natural de Cameté, no ano de 1975, criou um cordão carnavalesco, conhecido atualmente como “Cordão

da Bicharada”, no qual trataria de maneira crítica a relação do homem com a natureza, alertando para a necessidade da preservação do meio ambiente.



Alunos, professores, gestora e moradores locais visitando a exposição.



O professor da Universidade Federal do Pará, Fernando Marques, esteve presente nas ruínas do antigo engenho de Itacoã, as quais há aproximadamente 20 anos não visitava. Na ocasião, o professor levantou algumas considerações acerca da relação do sagrado, dado o respeito e estado de preservação das referidas ruínas. Segundo o mesmo, a localidade dentre os engenhos das proximidades, é a que se encontra em melhor estado de preservação.



Professor Fernando fazendo suas considerações acerca do antigo engenho.



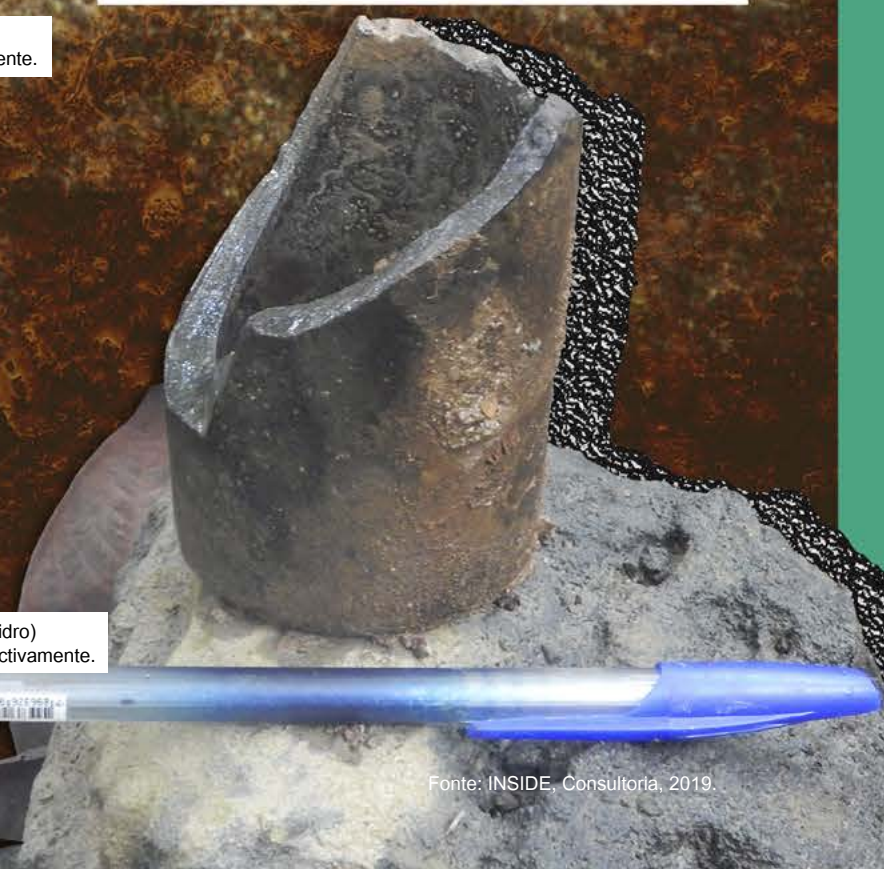
Wagner Veiga e Professor Fernando



Artefatos históricos (faiança) encontrados no sítio, respectivamente.



Material histórico (vidro) e material cerâmico, respectivamente.



Fonte: INSIDE, Consultoria, 2019.

Assim como em Santa Quitéria, após as explanações da equipe de educadoras patrimoniais as oficinas foram orientadas a eleger um patrimônio que gostariam que seguisse preservado, sendo assim, os patrimônios representados pelas mesmas diziam respeito a: calha, natureza, o tacho e o rodo (instrumentos usados na produção de farinha), os vestígios arqueológicos, açai, samaumeira, mulher negra e símbolo da libertação da escravidão.



Educadoras e oficinas durante a ação na comunidade de Itacoázinho.



Deste modo, considerando as ações de Educação Patrimonial em sua totalidade, pode-se avaliar de forma positiva, haja vista que os objetivos propostos foram alcançados. Vale mencionar, que para o bom desenvolvimento das atividades, foi de suma importância o apoio e parceria das comunidades e gestores das escolas.



Fonte: INSIDE, Consultoria, 2019.

Oficinas Realizadas

OFICINA 1:

Cada clique um registro,
cada foto uma história.

Objetivos

- Fazer uso do recurso fotográfico como uma ferramenta para o registro dos espaços culturais das comunidades;
- Registrar os espaços e o que consideram importante por meio da fotografia;
- Incentivar alunos e professores a estreitar suas relações com os espaços culturais e sua história.

Público-alvo

- Alunos e professores.

Descrição

Após a explanação dos educadores patrimoniais acerca do patrimônio cultural e seus desdobramentos, é dada a continuidade da oficina, na qual os alunos serão divididos em grupos e orientados a fazer um circuito de visitação às Ruínas do antigo Engenho do Itacôa, onde deverão registrar o patrimônio histórico local. Ao retornar para a escola os alunos entregarão as câmeras e os seus registros comporão um vídeo.

Resultados Esperados

Provocar o público envolvido a refletir acerca dos espaços e bens culturais da sua comunidade, de forma que os indivíduos passem a percebê-los com sua devida importância.



OFICINA 2:

**Arqueologia e Patrimônio Cultural:
Conhecer para preservar**

Objetivos:

- Estimular o público a eleger um patrimônio material e/ou imaterial;
- Sensibilizar acerca da importância da preservação do mesmo.

Público-alvo

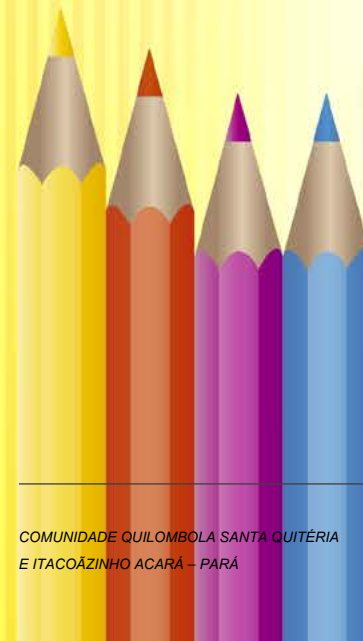
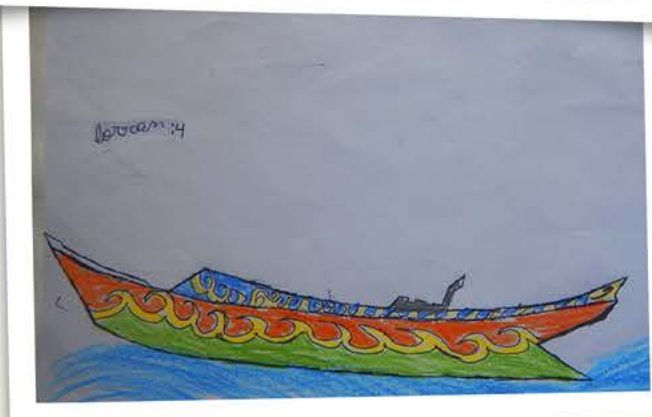
- Alunos e professores.

Descrição

Iniciar com abordagem de questões acerca do conceito de patrimônio cultural, sejam eles materiais ou imateriais, assim como a importância da preservação dos mesmos. Em seguida o participante é convidado a eleger um ou mais patrimônios culturais (material e/ou imaterial) que gostaria que fosse preservado, e com uso de uma folha de papel A4, reproduzirá tal patrimônio em forma de desenhos.

Resultados esperados

Proporcionar aos participantes a relação de pertencimento com os patrimônios culturais locais.





**OFICINA 3:
Representando os patrimônios
com a isogravura**

Objetivos

- Estimular o público envolvido na oficina a reconhecer os patrimônios locais
- Refletir acerca da importância da história e dos bens culturais, a fim de que venham a cuidar da escola, praças, entre outros patrimônios.
- Incentivar a produção da arte por meio da técnica da isogravura.

Público-alvo

- Público escolar e comunidade em geral

Descrição

A técnica da isogravura consiste no uso do desenho e pintura em isopor formando uma espécie de carimbo que será carimbado no tecido ou papel. Nessa técnica serão utilizados isopor, rolinhos de pintura, tinta para tecido ou guache, papel A4 ou tecido. Inicialmente, o público será estimulado a refletir acerca dos patrimônios locais, em seguida serão orientados a desenhar um patrimônio no papel A4. Dando sequência à oficina, os participantes deverão desenhar o patrimônio no isopor com o uso de lápis ou caneta, depois passar o rolinho na tinta para pintar o desenho feito no isopor, que logo em seguida deverá ser carimbado no tecido. Neste programa a técnica foi usada em bolsas de tecidos/ ecobag.

Resultados Esperados

Espera-se que a partir da experiência com essa oficina, professores, gestores e envolvidos possam usar da imaginação e criatividade para produzir produtos divulgando seus patrimônios, passando a criar pertencimento e se apropriando da sua história.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referida pesquisa que envolveu o levantamento do patrimônio material e cultural das comunidades remanescentes dos quilombos Santa Quitéria e Itancoázinho foi um campo de conhecimento sobre as vivências coletivas históricas e culturais dos moradores.

Apesar de insuficiente para traçarmos uma linha temporal a respeito da ocupação do território de onde hoje se encontram as comunidades de remanescentes de quilombos Santa Quitéria e Itacoázinho - Acará - Pará, as narrativas dos entrevistados junto aos documentos acessados nas comunidades nos dão uma boa noção do quanto as trajetórias de vida de tais moradores e de seus antepassados sempre foram atravessadas por luta e resistência frente ao controle colonial.

As comunidades de remanescentes de quilombos Itacoázinho e Santa Quitéria são áreas de remanescentes de quilombos que não foram fugitivos, mas sim abandonados pelos seus ex-senhores após o fim da escravidão, conforme aponta a liderança local, representada por Clodoaldo Maciel. E apesar de ser unânime nas falas dos entrevistados, a ênfase na qualidade de vida local é evidente o descaso estatal em relação à ausência de serviços básicos nas duas comunidades, portanto, para além do campo de investigação desta pesquisa, os dados apresentados nela podem fomentar discussões que incidem diretamente no campo das políticas públicas para comunidades tradicionais.

Coletar as memórias dos moradores sobre a presença escrava nas localidades foi reconhecer o quanto essa história precisa ser resgatada, registrada e valorizada não só pela população que habita nas comunidades, mas pela sociedade paraense como um todo, pois faz parte da história da escravidão na região.

Quanto à identificação dos saberes, práticas e manifestações populares foi possível identificarmos muito dos conhecimentos passados de gerações anteriores que ainda estão presentes no modo de vida, nas práticas e crenças das pessoas ali, porém, muitos saberes e práticas se perderam ou poucos são encontrados, como a presença das parteiras

e algumas festividades que não são mais realizadas. Há também a junção do tradicional com o moderno, como no caso da tecelagem, na qual temos a utilização da tala de guarumã com a fibra de plástico na confecção dos objetos e as pessoas utilizando tanto a tradicional rasa para transportar o açaí como as basquetas.

Em linhas gerais, o patrimônio cultural das comunidades estudadas são bens culturais que nos dizem muito sobre suas vivências, seu espaço de moradia, seu contato com os recursos naturais e com a natureza, costumes, hábitos e crenças que são importantes para que haja uma valorização dos patrimônios que possuem.

No que diz respeito aos objetivos traçados para o desenvolvimento do referido Programa de Educação Patrimonial, pode-se dizer que as ações realizadas foram bem recebidas pelas escolas contatadas e moradores, haja vista que as atividades foram concretizadas e muito bem avaliadas pelos participantes.

Pois quanto maior o número de indivíduos conhecedores da história local, maior será a nossa percepção de que este não caiu no total esquecimento, pois para se lembrar de algo é necessário que ainda se possua fragmentos desse fato que foi vivido, o que facilita a manutenção e reconstrução das memórias construídas em torno deste. Se não houver algo que desempenhe essa função de suporte inicial, então essa elaboração não será entendida enquanto uma lembrança ou uma memória, pois toda memória será uma reconstrução de um passado que foi vivido no momento presente.

Desse modo, a equipe buscou levar para os ambientes escolares discussões acerca da arqueologia, história, memória, patrimônio, preservação, a fim de sensibilizar os alunos acerca da importância dos mesmos para a história coletiva da localidade, assim como para a constituição da história pessoal dos mesmos.

Portanto é de suma importância a participação da comunidade local, haja vista que são os indivíduos inseridos no contexto sociocultural onde se busca preservar um bem cultural. Nesse sentido, é relevante atentar que cada sujeito tem uma memória, bem como uma história acerca do bem e sempre que reconhecida como patrimônio, deverá buscar preservá-lo para gerações futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, W, R, D. Uma história do negro no Brasil. Salvador. Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares. 2006

ANGELO- MENEZES, Maria de Nazaré. Cartas de datas de sesmarias – Uma leitura dos componentes mão-de-obra e sistema agroextrativista do Vale do Tocantins colonial. Paper do NAEA, nº 51, junho de 2010.

ANDRADE, Lucia; TRECCANI, Girolamo. Terras de quilombo. Direito agrário brasileiro hoje. São Paulo: Editora LTr, p. 52-67, 2000.

BRASIL. Fundação cultural Palmares. Portaria nº59, de 27 de abril de 2010. 2010.

BRASIL. Constituição Brasileira de 1988. In: **Seção II Da Cultura**. Ed. atual. Em 1998. – Brasília. Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1998, p. 131-132.

CARDOSO DE OLIVEIRA. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2000.

CARNEIRO, Edison. O quilombo dos Palmares. Companhia de Letras: São Paulo, 1958.

Coleção Iterpa Sesmarias – Instituto de Terras do Pará. Sesmarias Belém: ITERPA, 2010.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 1999.

ITERPA, Instituto de terras do Pará. Título de reconhecimento de domínio coletivo das comunidades quilombolas de Santa Quitéria e Itacoázinho – Acará – Pará. Belém: ITERPA, 2010.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Patrimônio Cultural Imaterial**: para saber mais/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão de Natália Guerra Brayner.– 3. ed. Brasília, DF: Iphan, 2012.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. *Etnográfica*, v. 4, n. 2, p. 333-354, 2000.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. **Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). Usos & Abusos da História Oral. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MARQUES, F, L, T. **Levantamento Arqueológico de Sítios de Engenho no Estuário Amazônico**. 2007.

MARIN, R. E. A. Camponeses, donos de engenhos e escravos na região do Acará nos séculos XVIII e XIX. *Paper do Naia, Belém*, (153), 01-26, 2000.

MARIN, R. E. A.; CASTRO, E. M. R. de. Mobilização política de comunidades negras rurais. Domínio de um conhecimento axiológico. *Novos Cadernos NAEA*, v. 2, n. 2, 2009.

MOVIMENTO REGIONAL POR LA TIERRA. Disponível em <<https://porlatierra.org/documentos>>. Acessado em: 23/12/2019.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significação na história oral. A pesquisa como um experimento de igualdade. *Projeto História*, São Paulo, n.14, p.7-24, 1997.

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. **Série Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos**: Movimento das Peconheiras e Peconheiros da Ilha de Itacoázinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba. Baixo Acará, Pará. Fascículo 21 Belém, 2007.

SCHAAN, Denise Pahl. **A Arte da Cerâmica Marajoara**: encontros entre o passado e o presente. Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v. 5, n. 1, p. 99-117, 2008.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Trad. Lélío Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Sites consultados

<http://www.fcp.pa.gov.br/component/content/article?id=2383>. Acesso 02/12/2019

<https://cametaoara.blogspot.com/2019/10/inspirado-na-mitologia-da-amazonia.html>. Acesso 02/12/2019

<https://escolaeducacao.com.br/lenda-da-comadrefulozinha/>. Acesso 07/11/2019



 **INSIDE**
Consultoria Científica

equatorial
TRANSMISSÃO


CONCREMAT
ambiental

